



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

FRANCIELE ZALESKI

**A IMIGRAÇÃO POLONESA EM ÁUREA ATRAVÉS DO RELATO
AUTOBIOGRÁFICO DE LÍDIA BRESOLIN**

ERECHIM

2017

FRANCIELE ZALESKI

**A IMIGRAÇÃO POLONESA EM ÁUREA ATRAVÉS DO RELATO
AUTOBIOGRÁFICO DE LÍDIA BRESOLIN**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
História, da Universidade Federal da
Fronteira Sul, como requisito parcial para
diplomação no curso de Licenciatura em
História.

Orientadora: Profa. Msc. Caroline Rippe
de Mello Klein

ERECHIM

2017

AGRADECIMENTOS

Agradecer inicialmente a Universidade Federal da Fronteira Sul por me dar mais esta oportunidade de aprendizados.

Agradecer Lídia, pois sem você, este trabalho não seria possível.

Agradecer também minha orientadora Profa. Msc. Caroline Rippe de Mello Klein pela orientação e por ouvir minhas lamentações e pedidos.

Agradecimento especial à Irma Isa, pela vontade de auxiliar-me sempre, desde o início do trabalho – com a definição do tema – até o final. Grata.

Agradecer ao amigo Claudio pela leitura feita e pelos estímulos frequentes.

Agradecer Milton, pela paciência que teve, pelas vezes que me ausentei da convivência contigo, pelas conversas, preocupações e resultados da pesquisa.

Agradecer Irmão.

Grata a Deus.

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.” Coríntios 1, 13.

RESUMO: Nesse trabalho se busca compreender os aspectos principais que fizeram com que grandes massas populacionais provenientes da Polônia se deslocassem para o Brasil a partir de fins do Século XIX. A compreensão da forma como foram estimulados a emigrar e posteriormente como se depararam com a realidade aqui posta também está presente. Porém, o tema central é trabalhar com a micro-história, utilizando-se de documento autobiográfico e relato de uma imigrante residente na cidade de Áurea (RS) – Lídia Bresolin - que se desloca ao Brasil em fins da década de 30 e que, portanto, assim como outros milhares, passa pelo processo de transição de um território a outro, da Polônia para o Brasil. Entender como decorre o processo de saída da Polônia, o de estabelecimento no atual município, Áurea, assim como também alguns laços de sociabilidade criados. O estímulo à realização deste trabalho, ou a justificativa, refere-se ao fato de que à imigração polonesa no Brasil ser a terceira maior. Outro motivo relevante é que Áurea foi a cidade povoada com cerca de 90% poloneses. Também, e, principalmente o fator de ter alguém - que passou pela experiência de imigração - presente, podendo coletar dados, enfim entender o processo e enriquecer a história.

Palavras-chave: Imigração polonesa; relato autobiográfico; laços de sociabilidade.

ABSTRACT: In this work we try to understand the main aspects that have caused large population groups from Poland to move to Brazil from the end of the 19th century. The understanding of how they were encouraged to emigrate and later how they came across the reality here posited, is also present. However, the main theme is to work with the micro-story, using an autobiographical document and an account of an immigrant living in the city of Aurea (RS) - Lídia Bresolin, who travels to Brazil in the late 1930's and, Like thousands of others, goes through the process of transition from one territory to another - from Poland to Brazil. Understand how the exit process of Poland, the establishment in the present municipality, Áurea, as well as some ties of sociability created. The incentive to carry out this work, or justification, refers to the fact that Polish immigration in Brazil is the third largest. Another relevant factor is that Áurea was the town populated with about 90% Poles. Also, and especially the factor of having someone - who passed through the experience of immigration - present, being able to collect data, finally to understand the process and enrich the history.

Keywords: Polish immigration; Autobiographical account; Ties of sociability

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Avanço austríaco, prussiano e russo em território polonês de 1772 a 1795	14
Imagem 02: Situação da colonização em Áurea na Década de 20. Ao fundo segunda Igreja na localidade	23
Imagem 3: Segunda Igreja construída na região do atual Município de Áurea	24
Imagem 4: Primeiro moinho, engenho e soque de erva-mate construído na localidade	25
Imagem 5: Modelo de casa construído na região	26
Imagem 06: Construção de estrada – Rua Porto Alegre	27
Imagem 07: Foto da Casa das Irmãs –funcionava como escola de grau primário ..	28
Imagem 08: Passaporte polonês da família de Lídia	33
Imagem 09: Antiga cidade de Kobryn	34
Imagem 10: Prima de Lídia nascida na Polônia	36
Imagem 11: Atual Porto de Gdynia – Polônia	39
Imagem 12: Carroça. Foto de 1940	44
Imagem 13: Capa do Passaporte	57
Imagem 14: Primeira página do passaporte	57
Imagem 15: Fotografia do navio que, possivelmente, Lídia emigrou	57
Imagem 16: Documento/Boletim de Lídia, quando ainda estudava em escola polonesa	58
Imagem 17: Celebração das Bodas de ouro de Lídia Brisolin e seu marido – já falecido Fernando Bresolin	59
Imagem 18: Antiga casa de Lídia quando se casou com Fernando	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 UMA BREVE HISTÓRIA DO CONTEXTO ESTRUTURAL DA POLÔNIA E DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO ALTO URUGUAI.....	13
1.1. CONTEXTO ESTRUTURAL DA POLÔNIA	13
1.2 O processo “civilizatório” polonês inicial o Brasil	16
1.3 O processo “civilizatório” polonês no Rio Grande do Sul	18
1.4 Processo de povoamento e instalação na cidade de Áurea – panorama geral	21
2 O PROCESSO IMIGRATÓRIO DE LÍDIA BRESOLIN E FAMÍLIA	31
3 COTIDIANO DE PERMANÊNCIA E OS LAÇOS DE SOCIABILIDADE NA CIDADE (EUROPA E BRASIL)	46
3.1 PRIMEIRO CONTATO: CONDIÇÕES INICIAIS QUANDO DA CHEGADA AO BRASIL, ALGUNS LAÇOS DE SOCIABILIDADE E A ESCOLA.....	46
3.2 A Religião, o trabalho, os ambientes sociais.....	50
3.3 Casamento de Lídia e sua nova Família	52
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
ANEXOS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

INTRODUÇÃO

Como explicar o deslocamento de indivíduos e comunidades que se movem de um continente a outro? Que fatores se poderiam conjecturar sobre tal mudança, levando em conta a distância e todas as dificuldades nesse processo transoceânico? Não há uma resposta única a esses questionamentos, é algo complexo de se explicar, pois envolve uma série de fatores políticos, sociais, econômicos, etc. A explicação se torna algo muitas vezes impossível, principalmente quando se trata dos imigrantes poloneses, que vinham de um país com vários conflitos territoriais com prussianos, austríacos e russos em sua maioria. Em virtude desses conflitos e das dificuldades enfrentadas, muitos habitantes dessa nação acabam se deslocando e povoando regiões longínquas de seu país, tal como a cidade de Áurea (RS). Para tanto, este trabalho se propõe a analisar, com o emprego de fontes de pesquisa, como foi o deslocamento e o estabelecimento dessas pessoas na região norte do estado do RS.

A presente pesquisa se detém, em síntese, na investigação da imigração polonesa na região de Áurea, usando como exemplo a imigrante Lídia Bresolin e sua família. Desse modo, este estudo pretende trazer benefícios aos cidadãos da cidade e à historiografia, principalmente aos descendentes desses imigrantes poloneses, não só desenvolvendo e descobrindo mais aspectos que permeiam a imigração em si, mas também não deixando que a história de Lídia se perca.

Os imigrantes poloneses, no geral, buscavam melhores condições de vida, pois enfrentavam dificuldades que eram não só enfrentadas pela Polônia, mas pela maioria dos países europeus naquele século, muitas delas provenientes das próprias guerras napoleônicas e da unificação dos impérios, sendo dificuldades de viés econômico, político e social. Aquelas regiões, situadas na Europa, eram regiões conflitadas, com disputas frequentes de fronteiras. Além das dificuldades referentes à estrutura dos Estados, outras, mais diretamente relacionadas ao convívio social e à sobrevivência destes indivíduos, eram enfrentadas. Wenczenovicz (2002) explica que as principais dificuldades eram referentes ao “[...] excesso de mão-de-obra nas aldeias e vilas, o elevado crescimento demográfico, a falta de terras para as novas gerações, a ausência de legislação agrária, o êxodo rural para os centros industriais devido a mecanização rural, perseguições políticas e religiosas.” (WENCZENOVICZ, 2002: 49). Como se pode ver, não faltavam motivos para decidirem realizar a travessia rumo ao Novo Mundo.

Na cidade de Áurea, a maioria dos imigrantes é de origem polonesa – cerca de 90% - e, por motivo, a cidade possui atualmente o título de Capital Polonesa dos Brasileiros. Aqueles primeiros habitantes poloneses eram emigrados da região polonica de Lublin e Siedle, região que, na época (início do século XX), fazia parte do Império Russo.

O primeiro grupo que veio a se estabelecer na então cidade de Áurea o fez em 1911. A região em que se estabeleceram era de terras de difícil acesso e com morros. As regiões próximas mais favoráveis já haviam sido ocupadas por italianos, alemães e judeus. Foram vários os nomes dados ao hoje chamado município de Áurea, que, no início da colonização, recebeu a nomeação de Rio Marcelino; em 1918, mudou para Treze de Maio; em 1938, Princesa Isabel; em 1944 passou a chamar-se de Vila Áurea e, finalmente, em 1988, com a emancipação do distrito de Gaurama, recebeu a denominação que possui atualmente.

Dessa forma, para explicar a instalação dos imigrantes na cidade, se conta com uma bibliografia referencial, de forma a realizar um apanhado das mesmas e compreender como se deu este processo e como foi a formação da cidade de Áurea, analisando, assim, alguns aspectos referentes à forma como estava a cidade quando da chegada de Lídia Bresolin e família.

O foco do trabalho, portanto, é perceber, através do viés micro historiográfico, como era o dia a dia de uma mulher emigrada da Polônia – Lídia Bresolin - para essa localidade. Esses fatores serão percebidos através da análise do documento autobiográfico escrito pela emigrante acerca do cotidiano anterior e posterior à sua emigração, que se deu em 1937. Dessa forma, a análise temporal será percebida, dos anos que esta emigrou ao Brasil, até um período posterior à instalação.

A fim de perceber traços dessa imigração desse distinto grupo europeu para a cidade de Áurea, busca-se entender como se deu esse processo por meio dos escritos da imigrante, para verificar quais as impressões tidas por Lídia e família acerca da sua transição da Polônia para o Brasil, bem como os laços sociais entre sua família eram preservados e como criavam novos laços na nova terra e as dificuldades encontradas.

Como fins de justificativa para este projeto, percebe-se o quão estudos relacionados à imigração de povos de nacionalidades italianas e alemãs foram realizados e explorados em vários trabalhos acadêmicos como exemplo temos, Núncia Santoro Constatino (Italianos da Esquina: Imigrantes na sociedade porto-alegrense) René Gertz (A nova historiografia alemã; Historiografia alemã pós-muro: experiências e

perspectivas; Memórias de um imigrante anarquista), e, Martin Dreher (190 Anos da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul). Porém, ao se pesquisar a imigração polonesa, existe uma dificuldade, pois os trabalhos bibliográficos extensos são mais restritos, menos ainda com modelos específicos de imigrantes estudados isoladamente. Existem trabalhos mais gerais que não se detêm a analisar a trajetória de um indivíduo, e sim trajetórias imigratórias de maneira geral. Esse aspecto é intrigante, pois os imigrantes poloneses são o “[...] terceiro maior grupo imigratório do Rio Grande do Sul [...]” (GRITTI 2004: 13) e apesar disso com poucas pesquisas. Existem fatos, histórias – inclusive com relatos de imigrantes ainda vivos, a exemplo deste trabalho – que merecem ser explorados, utilizando-se de fontes que ainda podem ser analisadas e que se assim não o forem perdem-se ao longo do tempo. Deste modo, esta pesquisa visa apropriar-se destas fontes para se construir conhecimento dando voz e vez a pessoas comuns que são também protagonistas da História, mas que, devido a vários fatores, são relegadas, deixadas de lado.

Assim, o objetivo é analisar a trajetória de Lídia Bresolin como protagonista de um processo imigratório para a cidade de Áurea – RS, perceber as impressões que a investigada e sua família tiveram acerca da região e também da sua pátria – a Polônia – pois lá Lídia viveu até seus nove anos; observar também a sua relação com familiares e conhecidos, a fim de entender como era esse cotidiano.

Para fins metodológicos, a perspectiva desta pesquisa utiliza-se da micro-história. Para tanto, o que se buscará identificar na fonte principal – documento autobiográfico da imigrante, assim como também em seus relatos, já que se fará também o uso da história oral - são as percepções e visões do contexto histórico da imigração e todas as especificidades que a envolviam, levando em conta o modo como a imigrante percebia, pois é através do seu depoimento que se pode ver, de maneira implícita, a questão dos que chegaram ao Brasil e de quem ficou na Europa, como esse contato entre dois mundos permaneceu durante um tempo e de que forma esses imigrantes se estabelecem na região de Áurea, para que com isso, fazendo uma abordagem mais macro, se amplie e se desenvolvam novos conhecimentos acerca do contexto imigratório. Serão muito empregadas, portanto, as escalas de análise de micro para macro e vice-versa. Ao realizar essa abordagem analítica, segundo Revel, é necessário ter em mente que “[...] variar a focalização de um objeto não é unicamente aumentar ou diminuir seu tamanho no visor, e sim modificar sua forma e sua trama.” (REVEL, 2010, p.438) Deste modo, buscar-se-á variar a focalização na perspectiva de inserção da Lídia como protagonista da história

para poder utilizar suas visões e seu conhecimento de mundo para ampliar o conhecimento imigratório e cultural do povo polonês.

Revel afirma que é imprescindível abordar, para entender a micro história, é sobre o fato de que esta possibilita ou deve permitir que haja um “[...] enriquecimento da análise social [...]” (REVEL, 2010, p.438) tornando-a mais complexa pois indubitavelmente será levado em conta aspectos variados, que são “[...] inesperados, multiplicados de experiência coletiva [...]” (REVEL, 2010, p.438). Ou seja: será com a micro história que se problematizará e se perceberá a vida da imigrante e do contexto que a rodeava, ampliando e enriquecendo a análise do contexto social e histórico da época.

Como abordado ao longo do texto, a história oral terá grande peso no que se refere às metodologias para a realização desta pesquisa. Assim, como norte para a realização das entrevistas – dificuldades, problemas, cuidados etc. – será utilizado, como fonte de consulta e de apoio o livro de Verena Alberti, intitulado *Manual de História Oral*.

A história oral será utilizada como fonte histórica para entender o processo de vinda à América e todo o percurso de estabelecimento de Lídia e família no novo local que, a partir daquele momento, viria a ser sua nova morada, seu novo lar. Quanto à utilização da fonte oral como método de pesquisa, Alberti explica que “[...] a história oral é legítima como *fonte* por que não induz a mais erros do que outras fontes documentais e históricas.” (ALBERTI, 2013:20) De modo que “[...]o conteúdo de uma correspondência não é menos sujeito a distorções factuais do que uma entrevista gravada.” (ALBERTI, 2013:22) Segundo ela, a diferença entre as duas fontes está no fato de a primeira ser uma fonte cristalizada no tempo, em contraponto à história oral, que “[...] tem a particularidade, não necessariamente negativa, de ‘reconstruir’ e totalizar, reinterpretar o fato. [...]” (ALBERTI, 2013:20) Nesse sentido, a história oral a ser utilizada neste projeto tende a complementar o trabalho, pois para este também se utilizará, como explicado, fontes escritas, o que as complementarás.

CAPÍTULO 1: UMA BREVE HISTÓRIA DO CONTEXTO ESTRUTURAL DA POLÔNIA E DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO ALTO-URUGUAI

Lídia emigrou da Polônia, mas, antes disso, lá viveu um bom período; por isso, esta parte inicial do capítulo abordará alguns aspectos referentes à Polônia, e isso, mesmo que de forma resumida, se faz importante pelo fato de que os acontecimentos históricos enfrentados por um país explicam muito a respeito dos costumes e da cultura geral de um povo. E é o que se dá, portanto, neste caso específico, com a cultura familiar de Lídia e demais imigrantes poloneses. Posteriormente, será também fundamental discorrer sobre a imigração polonesa no Brasil e na região do Alto Uruguai, em especial na cidade de Áurea, região de estabelecimento de Lídia e família. Na parte do capítulo, através de análise bibliográfica, se examinará como a historiografia local aborda a temática dos grupos migratórios – neste caso, em especial do grupo polonês - que chegam e povoam a região do Alto Uruguai a partir do século XIX.

1.1 CONTEXTO ESTRUTURAL DA POLÔNIA

A Polônia foi um dos países europeus mais afetados pelas invasões estrangeiras e perdeu parte de seu domínio e extensão territorial durante os séculos XVIII, XIX e XX. A dominação estrangeira na terra polonesa, segundo Isabel Rosa Gritti, tem início em 1772. Naquele ano, “[...] Catarina II da Rússia e Frederico II da Prússia, sob o pretexto das rebeliões camponesas, e valendo-se das rivalidades entre os nobres poloneses, realizam a primeira partilha da Polônia para ‘fazer deter o furor da desordem polonesa e assegurar a justa satisfação de seus direitos.’ ” (GRITTI, 2004: 21).

Apesar da divisão de seu território, a Polônia, inspirada nas ideias da Revolução Francesa, promulga sua Constituição em três de maio de 1791 “[...] o que desagradou os países vizinhos que planejavam sua anexação.”. (GRITTI, 2004: 23). Após esse acontecimento, o exército polonês, sem o apoio da Prússia, que descumpru seu pacto defensivo, acaba sendo derrotada pela Rússia, e nova partilha da Polônia ocorre. A terceira partilha se dá em 1795, e acontece devido à derrota da insurreição liderada por Tadeu Kosciusko, ocorrida em 1794. Apesar de ter fracassado em sua insurreição, Wenczenowicz complementa que, pode se observar “[...] de forma pioneira, a participação dos mais variados segmentos da sociedade polonesa na tentativa de libertar a Polônia. Burguesia, camponeses, monarcas e nobres lutaram por uma causa comum.” (WENCZENOWICZ, 2002: 32) Segundo Gritti, a libertação da Polônia só ocorre em 1918, no final da Primeira Guerra Mundial.

Na imagem a seguir, pode-se observar a forma como fora feita a divisão da Polônia nos anos de 1772, 1793 e 1795, de modo exemplificar a gradativa anexação de território polonês pelas forças exteriores.



Imagem 01: Avanço austríaco, prussiano e russo em território polonês de 1772 a 1795. Fonte: Internet

https://www.google.com.br/search?q=rozbiory+polski+1772&client=firefox-b&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwixucqFhvzTAhWck5AKHQ9dBfgQ_AUIBigB&biw=911&bih=423&dpr=1.5#imgrc=mtHZ4HoUoTGZFM:

Como visto, a Polônia só consegue posicionar-se novamente como um Estado Nação em 1918. O pós-independência da Polônia foi dificultoso, pois, segundo Dembicz e Kieniewicz:

As instalações do novo Estado eram pobres. As destruições provocadas pela guerra adicionaram-se ao desenvolvimento irregular nas três regiões antes ocupadas. A reconstrução prosseguia lentamente e, somente em 1938, foi ultrapassado o nível de rendimento per capita de 1913. Pelo caminho, a Polônia passou com muita dificuldade pela crise de 1929, começou a se reerguer somente na segunda metade dos anos trinta. Quanto à estrutura da economia e ao poder aquisitivo dos habitantes, a Polônia no período de entre guerra, aproximava-se da Espanha de antes da guerra civil. Tinha também semelhantes problemas, com referência à questão agrária não solucionada. A reforma agrária, decretada no momento de maior ameaça soviética, previa uma significativa repartição das terras, e desenrolava-se de maneira muito lenta. Aliás, não era consequente. Com faltas de terras para dividir, eram criadas propriedades pequenas demais de modo a que fossem rentáveis. (DEMBICZ; KIENIEWICZ, 2001: 56)

Apesar da invasão de estrangeiros, segundo Carolina Poplawski (2017), o povo polonês, pressionado em muitos momentos a amordaçar sua cultura, sua língua, seu modo de vida, e principalmente sua religiosidade – implantando esta como sinônimo de polono -, continuou lutando, mesmo que clandestinamente, para que sua pátria se tornasse livre novamente. O maior poeta polonês, Adam Mickiewicz escreveu: “A luta pela Polônia, uma vez começada, passa de pai para filho...” (DEMBICZ; KIENIEWICZ, 2001: 28) e é desse modo que a maioria pensava, lutando até a conquista da independência. Porém, muitos, sob pressão e dificuldades, acabam imigrando, até mesmo após a independência, caso da família de Lídia. É, portanto, nesse clima de instabilidades nos mais variados sentidos e das dificuldades de restabelecimento do Estado livre, que ocorrem as imigrações. Necessitaram, portanto, migrar, imigrar e buscar melhores condições de vida, mais dignidade, porém, nem por isso deixando o sentimento de pertencimento cultural, religioso e linguístico da Mãe-Pátria que imigraram – como veremos a seguir.

1.2 O processo “civilizatório” polonês inicial no Brasil

Tendo em vista o contexto de dominação existente na Polônia, muitos imigrantes realizam o processo imigratório. Um dos países em que decidiram recomeçar suas vidas foi o Brasil, que não media esforços para trazer imigrantes para seu território, e isso por vários motivos. A questão da fronteira era uma das motivações do Brasil em fomentar a vinda de imigrantes ao seu país, uma vez que as mesmas estavam em constante litígio nos territórios da Cisplatina (posterior Uruguai), Argentina e Paraguai. Havia a necessidade de povoar as áreas não habitadas. Em virtude disso, ao contrário das migrações do período colonial, durante o Império e República brasileira, o país teve uma experiência de colonização de povoamento, pretensões que eram apoiadas por setores da intelectualidade brasileira que almejavam o chamado “branqueamento” da população mestiça, inclusive a substituição da mão-de-obra escrava pela imigrante.

A partir do século XIX – se inaugura a imigração para o Brasil em massa, das várias nacionalidades, - e, posteriormente, também no século XX, pessoas de países distantes uns dos outros vão emigrar na perspectiva de condições mais dignas de vida. Naquele período, ao longo do século XIX, o Brasil experimentou uma vinda massiva de imigrantes provenientes de outras nações, desde 1824, muito em virtude das políticas de facilidade e benefícios que o país divulgava aos países estrangeiros. Quanto às facilidades e benefícios, só para citar alguns exemplos, tem-se no período pós-independência do Brasil, o incentivo dado aos imigrantes alemães, a quem, além das passagens gratuitas, eram concedidos “[...] lotes de terra e um auxílio financeiro temporário para os interessados [...] [além de que o governo] dirigiu sua propaganda de imigração para os reinos germânicos [...]” (RUCKERT 2013: 206). Outro exemplo está relacionado a companhias privadas de colonizações, que também davam recomendações do porque seria interessante escolher o Brasil como local para emigrar alegando neste sentido que, “[...] nossas terras [...] recomendam-se pela sua ótima qualidade, matas virgens, sem intrusos, adaptam-se à cultura de todos os produtos agrícolas no sul do Brasil, como milho, feijão, cana, trigo, fumo, etc., bem como laranjas, pêssegos, maçãs, peras, ameixas e especialmente a cultura das vinhas” (STOLZ. Cartas *apud* WENCZENOVICZ, 2002: 82).

Ainda, segundo Isabel Rosa Gritti (2004), existiam outros quesitos no Brasil que atraíam os imigrantes. Esses se referem principalmente à possibilidade de serem donos de suas terras. Com relação propriamente aos imigrantes poloneses, este era um fator primordial que os incentivava a escolher o Brasil como nova morada, em virtude de que na Polônia não conseguiam realizar o sonho de serem proprietários, e se realizaram era

com uma pequena área de terra, pois a grande maioria trabalhava como camponeses para grandes latifundiários. Nos esclarece, quanto a este fato, Wenczenovicz (2002), que diz que é devido ao fato de a Polônia ser em sua essência agrária e devido à falta de um canto de terra para a crescente etnia que a maioria de imigrantes era despossuído e, portanto, devido à realidade estrutural da Polônia, em essência camponeses. Teriam eles a possibilidade, então, de continuar com a profissão que exerciam em sua terra mãe, porém agora livres, sem a dominação do nobre e do invasor estrangeiro, porém não sem dificuldades de estabelecimento.

Quanto ao tipo de imigrante que recebia, o governo brasileiro exercia uma espécie de controle, onde priorizava aqueles que fossem sadios física e psicologicamente. (STAWINSKI, 1976: 11). Aqueles imigrantes, como apontado, eram, em essência, camponeses, mas, afirma Garcez (2003) que “K. Simieradzki, citado por Wachowicz, salienta em artigo de sua autoria que uma parte significativa dos poloneses era possuidora de capitais obtidos com a venda de suas terras e seus bens, desmentindo, assim, o consenso geral de que a maioria dos emigrantes poloneses não possuíam capital.”(GARCEZ, 2003: 25) Então, com relação a este aspecto, não é possível fazer generalizações.

Migravam os poloneses não só para o Brasil, mas também para outros países como, por exemplo, para os Estados Unidos, onde, segundo Alberto Victor Stawinski, “[...] melhores vantagens eram oferecidas aos imigrantes [...]” (STAWINSKI, 1976: 11). Um dos fatores que ocasionou o que se chama de “febre migratória brasileira” (*goraczka brasylijska*) era o fato de que, posteriormente à Proclamação da República (1889), a passagem marítima era custeada pelo governo brasileiro. A passagem gratuita aos poloneses vigorará de 1890 a 1897. Ela será retomada, segundo Stawinski, em 1906.

Era esta a situação polonica e brasileira na época, e esta situação fez com que milhares de poloneses, sob o estímulo das propagandas e fartos da situação de dominação e dificuldades encontradas, perceberem na emigração um meio de tentar solucionar seus problemas, buscando na nova terra o que não encontravam na terra que habitavam.

1.3 O processo “civilizatório” polonês inicial no Rio Grande do Sul

O Estado onde se encontra o atual município de Áurea é o Rio Grande do Sul, o qual teve seu processo de povoamento em princípios do século XIX - por “[...] estancieiros latifundiários, que se dedicavam exclusivamente à pecuária [...]” (STAWINSKI, 1976: 9), que usufruíam da mão-de-obra escrava e que se agrupavam basicamente em vilas. O processo de aglomerações prossegue e, segundo Stawinski, existiam, em 1860, já cerca de 28 municípios rio-grandenses. “Em 1900, os municípios gaúchos eram em número de 65. Em 1967, elevava-se a 232 o número de municípios do Estado do Rio Grande do Sul.” (STAWINSKI, 1976: 9).

De início, por “insinuação” * da esposa de D. Pedro I, D. Maria Leopoldina, agricultores alemães foram trazidos ao estado e estabelecidos “[...] em terras entregues sem nenhum custo.” (WENCZENOVICZ, 2002: 45). Posteriormente, com a intensão de colonizar todo esse extenso território “[...] o governo brasileiro planejou trazer imigrantes italianos, com a condição de que fossem ‘agricultores sadios, laboriosos e moralizados’.” (STAWINSKI, 1976: 11) Assim, quando se iniciou a imigração de povos de outras nacionalidades, as colônias alemãs e italianas já se encontravam em pleno desenvolvimento.

Através de estimativa feita, em 1920, pelo Cônsul Polonês em Curitiba, Kazimierz Glochowski, a maior parte dos poloneses que migraram veio a estabelecer-se no Estado do Paraná - cerca de quarenta e três mil e quarenta e seis imigrantes, até o ano indicado. Também através da mesma estimativa, o segundo estado que mais recebeu imigrantes advindos da Polônia foi o Rio Grande do Sul, com cerca de trinta e dois mil e trezentos poloneses. Porém, devido à falta de dados comprobatórios que mostrem com exatidão a quantidade de imigrantes poloneses – pelo fato de que muitos migravam com passaportes não de poloneses, como de fato eram, mas sim, das nacionalidades que dominavam a região da Polônia que habitavam, ou seja, russos, austríacos ou prussianos - não é possível afirmar com exatidão a quantidade.

Antes mesmo da irrupção da chamada “febre brasileira”, já existiam poloneses no estado rio-grandense, pois os primeiros imigrantes provieram da região ocupada pela Prússia, assim como também explica Wenczenovicz (2002): “Oriundos da região ocupada pela Prússia, os primeiros imigrantes poloneses teriam chegado ao Rio Grande do Sul quase na mesma época em que aportaram os italianos, por volta de 1875.” O seu

* Ver STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul 1875-1975**. p.10.

estabelecimento ocorre “[...] na margem esquerda do Rio das Antas, na Colônia Santa Tereza, que se limitava, ao norte, com a Oitava Seção da Colônia Alfredo Chaves, e, a ao sul, com a região de colonização alemã.” (WENCZENOVICZ, 2002, p.52). Stawinski também aponta que, quando da chegada do primeiro grupo de italianos na Colônia Conde d’Eu – 1875 -, “[...] um grupo de famílias polonesas já se encontrava estabelecido na mesma Colônia, na Linha Azevedo Castro, I Seção.” (STAWINSKI, 1976, p.31). Devido à falta de documentação daquela época, o historiador não consegue dizer com exatidão a data e mês de chegada daquele que é considerado o marco inicial da imigração polonesa no Rio Grande do Sul. “Tudo, porém, indica e leva a admitir que tenha ocorrido na mesma época em que vieram os imigrantes suíço-franceses, isto é, alguns meses antes dos imigrantes italianos.” (STAWINSKI, 1976, p.31), que ocorre como visto, em 1875.*

Quanto aos benefícios que as primeiras levas de imigrantes poloneses receberam, além das terras mais produtivas, Stawinski escreve que

[...] receberam, através da Diretoria de Terras e Colonização, toda ferramenta necessária ao desmatamento e cultivo da terra: machados, podões, serrotes, facões, enxadas, picaretas, martelos, pregos...Ademais, no primeiro ano, vieram recebendo um pequeno subsídio mensal e víveres de primeira necessidade, tais como farinha, açúcar, café moído, banha, toucinho, sal, carne seca...Receberam, também, sementes de trigo, milho, feijão, batata...Obtiveram, ainda, por dez anos, isenção de impostos. (STAWINSKI, 1976: 39)

Percebe-se, através da citação acima, que o governo brasileiro, quando este ainda era Império, não media esforços para que os novos imigrantes se estabelecessem e progredissem. E o fazia porque tinha dois objetivos principais: povoamento das extensas áreas de terras e implementação da agricultura para consumo interno do país. Porém, com a instauração do regime republicano, a situação muda e o processo de povoamento das regiões sobrantes é mais complexo e com menos auxílios, pois os cofres públicos não estavam tão cheios, e as áreas de terras mais cultiváveis estavam já repletas de imigrantes das diversas nacionalidades. Restava, então, aos novos imigrantes, povoar as terras restantes, que eram, em sua maioria, “[...] acidentadas, pedreguentas * e difíceis de

* Como apontado acima, estes imigrantes possuíam passaporte prussiano, mas eram na realidade poloneses que viviam na região dominada pela Prússia; ao que nos diz Stawinski (1976) “Como prova que esses imigrantes, registrados como ‘prussianos’, eram poloneses, podem ser invocados, os peremptórios depoimentos de seus filhos, netos e bisnetos, os quais afirmam serem descendentes de poloneses e não de prussianos”.(STAWINSKI, 1976: 31,32)

* Com grande quantidade de pedras que faz difícil o processo de plantio e colheita de produtos.

trabalhar [...]” (STAWINSKI, 1976: 40) e contentar-se com auxílios menores, quase inexistentes por parte do Governo.

Devido às propagandas feitas do Brasil, os poloneses que migravam acreditavam que seria sem dificuldades o processo de estabelecimento na nova terra. Porém, como afirma Stawinski

Ao chegarem, pois, da longa e dura caminhada, sentiram o impacto da realidade brasileira. Ao invés do sonhado eldorado, receberam aqui da Diretoria de Terras e Colonização apenas frações de terras sáfaras, situadas às margens dos correntosos rios das Antas, do Prata, do Carreiro, do Retiro, do Jaboticaba, do São Marcos... Não tendo outra alternativa, foram forçados a aceitar as sobras de mato fechado e de peraus desprezados, como imprestáveis, pelos imigrantes que os precederam. (STAWINSKI, 1976: 12)

O processo de mudanças à procura por novas localidades com propriedades rurais mais produtivas foi algo muito frequente entre os imigrantes poloneses, pelo fato já visto de a grande massa destes imigrantes chegar em períodos onde as terras mais férteis já estarem ocupadas pelos imigrantes predecessores. Assim é que os poloneses migravam quando percebiam que poderiam reemigrar para um local onde havia ofertas de maiores extensões de terras para os filhos casadouros ou, até mesmo, a procura de terra mais produtivas - em virtude das terras desniveladas ou cheias de obstáculos que possuíam. Assim é que

A partir do século XX, a pequena extensão das colônias (12,5 ha) fez com que os poloneses, defrontando-se novamente com o problema da falta de terra, procurassem novas frentes coloniais no rio do Peixe e Paiol Grande – *Colônias Novas*.(WENCZENOVICZ, 2002: 54)

Foi desse modo que vários núcleos poloneses foram surgindo em meio a angústias, dificuldades, medos e esperanças de melhora de vida. Isabel Rosa Gritti cita que os principais núcleos poloneses do Rio Grande do Sul são os de Dom Feliciano, Mariana Pimentel, Ijuí, Guarani das Missões, São Marcos e Erechim. Este último – “[...]criado em outubro de 1908 pelo então Presidente do Rio Grande do Sul, Carlos Barbosa[...]” (GRITTI, 2014: 116,) – concentrou grande massa de imigrantes poloneses, principalmente em locais como Barro (atual município de Gaurama), Floresta (atual Barão de Cotegipe), Nova Polônia (atual município de Carlos Gomes), Centenário e Treze de Maio (atual município de Áurea) (GRITTI, 2014).

1.4 Processo de povoamento e instalação na cidade de Áurea – panorama geral

O medo do desconhecido e as diferenças entre Brasil e os países europeus – como é o caso da Polônia – causavam espanto nos imigrantes, principalmente naqueles que viriam a se estabelecer nas regiões mais afastadas das cidades, como é caso do Alto Uruguai rio-grandense. Quanto a este fato, Wenczenovicz (2002) escreve que “[...] a viagem de Porto Alegre rumo ao Alto Uruguai é apresentada como difícil e perigosa.” Isto pois “[...] o imigrante polonês vinha de realidade diferente, quanto ao meio rural e urbano.” Esse é descrito como período difícil, também pela forma como a viagem e o estabelecimento na nova propriedade ocorria, onde, de início, necessitavam carregar as “[...] malas nas mulas ou nas costas”. Fazia-se, a seguir, a seleção de “[...] cavalos mansos para as mulheres e crianças mais novas.” A dificuldade de transitarem em meio à mata era imensa, pois esta não possuía estradas, apenas picadas, onde “[...] não raro, precisava-se abrir o caminho com auxílio do facão.” (WENCZENOVICZ, 2002: 64)

Ao chegarem ao Rio Grande do Sul, os imigrantes já podiam ter uma noção do que os aguardava, no tocante às terras. Encontraram grande dificuldade e desânimo, pois, segundo Stawinski, os poloneses “[...] habituados a cultivar terras já trabalhadas, não imaginavam topar com terras cobertas de mato fechado, acidentadas e pedreguntas.” (STAWINSKI, 1976, p. 17).

É em uma região daquelas colônias recém-habitadas, ou melhor, *Colônias Novas*, pertencente à colônia Erechim, que se instalou grande quantidade de poloneses, e que futuramente gerará o atual município de Áurea. Este possui atualmente o título de Capital Polonesa dos Brasileiros justamente pelo fato de os primeiros habitantes da então cidade, em sua maioria – 90% -, serem poloneses. A maioria dos descendentes que se estabeleceram em Áurea proveio da região ocupada pela Rússia principalmente das cidades de Kalisz, Plock, e Varsóvia. “Dessas regiões os emigrantes partiam de trem, via Berlim, para o porto de Bremen, Hamburgo e Trieste e também França.” (WENCZENOVICZ, 2002: 61) Wenczenovicz também explica que, em Porto Alegre, o grupo recebia a numeração do lote e a localização exata de onde passariam a residir. Com a localização em mão seguiam viagem “[...] de trem até Erechim, Gaurama ou Getúlio Vargas e prosseguiram por mais ou menos trinta quilômetros, alguns a pé, outros a cavalo, mata adentro.” (WENCZENOVICZ, 2002: 61).

As primeiras levas de imigrantes poloneses já se estabelecem na região de Áurea em fins de 1911 - portanto vinte e seis anos antes de imigrar a família de Lídia. Afirma-

nos a Irmã Rosália Krupinski em seu livro *Paróquia Nossa Senhora do Monte Claro 1915-1990* (1990) que “[...] os primeiros migrantes poloneses chegaram em Rio Marcelino no dia de Natal de 1911. A maioria deles vieram da região de Lublien e Siedlce da Polônia, sob domínio russo.” (KRUPINSKI, 1990: 01).

Com o intuito de manterem-se unidos e preservar a cultura e os costumes, Krupinski explica:

Já no raiar do ano de 1912 tomaram a resolução de construir uma capela, perto do rio onde se encontrava a venda de Constante Kessler e mais tarde de Carlos Mustifaga. Constituíram então, uma diretoria da qual faziam parte os seguintes membros: Józef Urban, Carlos Cuny, Filip Grudka, Wladislau Zdunek e Walenty Mataczynski. No mês de maio, 53 (cinquenta e três) contribuíram com 3 mil reis cada um (KRUPINSKI, 1990: 01).

Abaixo, fotografia da localidade na década de 1920, onde, além da celebração de um casamento, é possível ver a Rua da Matriz e, ao fundo, a construção da segunda Igreja de Áurea, em madeira.



Imagem 2: Situação da colonização em Áurea na Década de 20. Ao fundo segunda Igreja na localidade. Fonte: Museu Municipal de Áurea.

Segundo Krupinski, em 1927, já fora concluída e inaugurada a segunda igreja, pois a anterior era “[...] pequena para comportar toda a comunidade nas celebrações e mesmo que se fizesse mais de uma para que todos tivessem a chance de participar, não comportava este povo religioso.” (KRUPINSKI, 1990: 36).

A terceira igreja só seria concluída em 1957 – então, vinte anos após a chegada e estabelecimento de Lídia e família na região. Portanto, a igreja que a família de Lídia frequentava - e que, ela inclusive contrai matrimônio - é esta segunda que, como visto, foi construída em 1927. Segue abaixo imagem da segunda igreja.

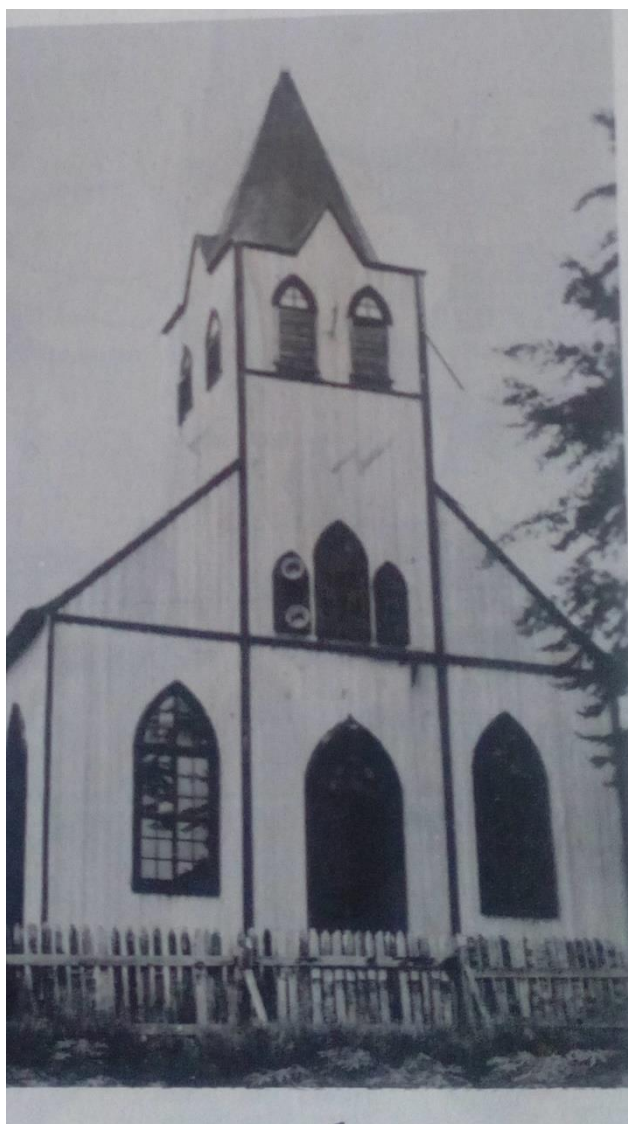


Imagem 3: Segunda igreja construída na região do atual Município de Áurea.
Fonte: Museu Municipal de Áurea.

Já na década de 20, construíram-se também moinhos; o primeiro foi o da família Modkowski. Segundo Wenczenowicz,

O moinho possibilitou ao imigrante abandonar o pilão manual, de baixa produtividade, para o descascamento do arroz e a moagem do trigo. Inicialmente, os moinhos funcionavam com tração animal ou com a roda d'água.(WENCZENOVICZ, 2002: 66).

A fotografia abaixo mostra o primeiro moinho, engenho e soque de erva-mate do Município de Áurea, pertencente a João Modkowski.



Imagem 4: Primeiro moinho, engenho e soque de Erva-Mate construído na localidade.

Fonte: Museu Municipal de Áurea.

Ao chegar ao Rio Marcelino, “[...] cada colono procurava encontrar seu lote. Nos primeiros dias, construíam um pequeno barraco até providenciarem a construção da casa, ainda que rústica. Dormia-se também sob as árvores, improvisando barracos de lona ou cobertores, trazidos da Polônia.” (WENCZENOVICZ, 2002: 65). A fotografia abaixo mostra uma das primeiras casas construídas no atual município de Áurea. A fotografia foi tirada em 1913, e o morador da mesma é desconhecido.



Imagem 5: Modelo de casas construído na região. Fonte: Museu Municipal de Áurea.

Percebe-se, portanto, que, ao chegarem aqueles imigrantes, principalmente os primeiros, o processo de estabelecimento na região foi difícil, pois acreditavam, devido às propagandas feitas, que o Brasil era a terra prometida em que corria leite e mel e, por esse motivo, “[...], as suas desilusões não foram poucas. Não havia lugar para dormir [...]” (POPLAVSKI, 2017: 14) Com Lídia, devido a imigrarem, como será exposto a seguir, inicialmente a Santa Rosa(RS) e, devido às dificuldades que lá encontrariam – o de desbravar as terras, abrigar-se em barracos antes de construir sua casa, etc. -, reemigram para a região que estavam já aqui estabelecidos seus parentes, região esta pertencente ao hoje Município de Áurea.

Após estas dificuldades iniciais enfrentadas pelos primeiros imigrantes, desbravando matas virgens e iniciando suas plantações, desenvolve-se um comércio de produtos excedentes que eram comercializados em regiões próximas e na própria comunidade.* Para que a circulação desses produtos pudesse ocorrer de maneira mais facilitada, iniciou-se o processo de construção de estradas. Segundo Wenczenowicz,

* Com relação à família de Lídia, será exposto que, após se organizarem e também terem produtos para comercialização, também passam a comercializar produtos, mas o faziam principalmente em Boa Vista (atual Erechim).

Foram, inicialmente, as picadas e, a seguir, as estradas que permitiram ao imigrante polonês o escoamento da produção [...] o resultado da venda de produtos agrícolas servia para adquirir sal, tecidos, ferramentas, insumos agrícolas. Sobretudo, a comercialização do excedente servia para pagar a dívida colonial, contraída com a aquisição do lote. (WENCZENOVICZ, 2002: 79)

Na figura abaixo podemos ver a abertura da Rua Porto Alegre, saída para Erechim.

Foto tirada em meados da década de 20.



Imagem 6: Construção de estrada – Rua Porto Alegre. Fonte: Museu Municipal de Áurea.

Com relação ao trabalho da igreja local e ao serviço comunitário realizado para que a oferta educacional às crianças e jovens da região de Áurea, Krupinski afirma que

Já quando da vinda do Pe.Lassberg, Sacerdote Jesuíta, 1914, (cf. anotações de história) preocupou-se e encarregou-se a diretoria da Capela N^ªS^a do Monte Claro, hoje Igreja Matriz, de tomar providências sobre o ensino sistemático na sociedade. (KRUPINSKI, 1990: 20)

Nesse sentido, “[...] em 1930 foi construída a escola Paroquial sob a coordenação e direção das Irmãs da Sagrada Família.”(KRUPINSKI, 1990: 20) Antes disso, no ano de

1927, “[...] acusava a paróquia a existência de 6 escolas sob sua jurisdição[...]” Com relação à forte influência religiosa e o trabalho feito pela mesma, Krupinski ainda nos diz “Não só a escola, mas a cultura em geral, a tradição da língua polonesa, o canto, a dança, a música, o teatro tiveram lugar especial no desempenho da Igreja local.” (KRUPINSKI, 1990: 21)

Abaixo, segue uma fotografia tirada em 1942, quando os alunos, em homenagem ao Sete de Setembro, cantam o Hino Nacional Brasileiro na casa das Irmãs da Sagrada Família construída, como visto, em 1930.



Imagem 7: Foto da Casa das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria—funcionava como escola de grau primário. Fonte: Museu Municipal de Áurea.

Com relação propriamente à escola que Lídia frequentava, que era uma escola do interior localizada no Rio Carola – região pertencente à Áurea – não há nenhuma imagem. Porém, em estudo realizado, principalmente através da história oral, Pedro Martin Kokuszka (2008) em entrevista realizada com Iolanda Alves de Farias, nascida em 1919, que vem com quatro anos se estabelece na região próxima a que Lídia passará a residir a partir de 1938, relata que, há aproximadamente oitenta anos, “[...] existia uma escolinha coberta com tabuinhas[...] e que ela frequentou as aulas com um professor alemão quando tinha sete ou oito anos de idade.”(KOKUSZKA, 2008: 32). Em entrevista, ainda, Iolanda aborda que “[...]existia uma escola não muito distante do moinho do Miceslau Kelb. Lá lecionou o professor Estevão Levinski, Marta Kortt e Aldomiro Vivian. Depois foi

construída uma capela de madeira próxima ao Rossa, na estrada que vai ao Levandoski, lado direito.” (KOKUSZKA, 2008: 32). Possivelmente - através dos relatos de Lídia que dizia que teve aula com professor polonês e ainda, que compraram o sítio quando se estabeleceram na região de um senhor com sobrenome Levandoski, - Lídia estudara nesta escola apontada por Iolanda, próxima ao moinho de Miceslau Kelb.

Com relação ao aspecto de influência que a Igreja de maneira geral e principalmente que o padre possuía, Wenczenowicz(2002) explica que “O padre tinha funções que ia além do sacro: ele mediava os doentes, dava conselhos, mediava as disputas internas, representava a comunidade diante das autoridades, confirmava a *causa mortis* quando dos falecimentos.” (WENCZENOVICZ, 2002: 132) Segundo ela, o padre, através dos sermões, também acabava influenciando nas opções políticas, onde, habitualmente alertava contra o “perigo vermelho”.*

Com relação ao cuidado com saúde dos munícipes, Krupinski aponta que, de início, tinham apenas ervas medicinais caseiras para se curar de enfermidades. “Em casos mais sérios, eram procurados os curandeiros e benzedores, que eram exclusivamente caboclos. Caso aqueles não dessem conta da cura, locomovia-se, então, os doentes, nas costas, a cavalo ou de carroça até Erexim (hoje Getúlio Vargas).” (KRUPINSKI, 1990: 31) Porém, em continuação, Krupinski demonstra que, quando da chegada na região de Lídia e de sua família — “[...] a comunidade Paroquial sensibilizada com seu rebanho, nobre e trabalhador, já em 1937 providenciou um pequeno hospital.” (KRUPINSKI, 1990: 31)

Nesse sentido, após mais algumas doações dos munícipes e doação da Mitra do terreno para a construção de um novo centro hospitalar, efetivaram a obra, iniciando em 15/06/1939 e concluindo em 10/03/1940. Mas, mesmo com a estrutura pronta, havia dificuldade de funcionamento do hospital, em virtude da falta de médicos. É só em outubro de 1942 que chega à Áurea o Dr. Simão Schneider. Porém, em virtude, possivelmente de falta de recursos para manter a estrutura hospitalar, acabam vendendo o hospital em 31/10/1937 ao Sr. Abel Onetta, farmacêutico da região. Para a construção do novo hospital – desocupado em 2016 – “[...] a Paróquia doou o terreno necessário onde em 1988 foi concluída a obra.” (KRUPINSKI, 1990: 34). Porém, em relato e autobiografia não existe referência pela imigrante, em nenhum momento, do primeiro e

* Com relação a este chamado “perigo vermelho” o citamos pois com Lídia, por ter vindo de uma região ocupada pela Rússia, também passou por situações – que serão ao longo do texto expostas – no qual ela por ser “russa” não poderia participar de encontros catequéticos realizados na Igreja local.

nem dos dois outros hospitais construídos na cidade de Áurea, somente hospitais de Erechim e um da cidade de Passo Fundo são mencionados em seu relato autobiográfico.

Portanto, apesar das dificuldades encontradas, percebe-se que o povo instalado em Rio Marcelino começa, aos poucos, a prosperar e a criar um núcleo unido, onde todos cooperam para a construção de igrejas – que no total foram três; - criação de escolas nas comunidades do interior e também no centro urbano e a criação hospitais – estes dois últimos, com a ajuda marcante da comunidade paroquial e a Congregação das Irmãs da Sagrada Família de Áurea - e várias outras instalações que consideravam necessárias. Percebe-se, portanto, que, quando da chegada de Lídia e família, já havia igreja, hospital, escolas, moinhos. A região, portanto, já estava em fase de um pré-desenvolvimento, porém ocorrendo de forma lenta e gradativa.

Wenczenowicz nos diz que, em 1945, quando, portanto, Lídia e família já estavam estabelecidas, “[...] as terras da região já estavam praticamente ocupadas, o que determinou a interrupção deste processo. [...]” (WENCZENOWICZ, 2002: 161). Assim como em outras regiões, o fim praticamente definitivo do processo imigratório, ao menos em massa, se dá com a irrupção da 2ª Guerra Mundial, e, principalmente, com o término desta. Portanto, ao analisar o ano em que Lídia chega ao Brasil (1937), percebe-se que está proveio nos anos finais da imigração.

Após a exposição de algumas características gerais a respeito do povoamento do Brasil, Rio Grande do Sul e da cidade de Áurea, local de instalação de Lídia, os próximos capítulos serão dedicados a entender a fase de transição e de instalação de Lídia e família na região estudada, bem como alguns laços de sociabilidade ali criados.

CAPÍTULO 2: O PROCESSO IMIGRATÓRIO DE LÍDIA BRESOLIN E FAMÍLIA

Este capítulo examinará o processo imigratório de Lídia Bresolin* – foco principal da pesquisa -, buscando expor e analisar sua história de vida, diferenças encontradas ou sentidas, medos, esperanças, motivações da imigração, etc. O percurso de vinda da imigrante Lídia se inicia quando, após os rumores da Segunda Guerra Mundial, acerca de dificuldades enfrentadas e propagandas favoráveis ao Brasil por imigrantes já vindos a este país, resolve sua família - a qual era formada por sua mãe, seu pai e seu irmão mais novo - arriscar e realizar a travessia rumo ao novo mundo em busca de melhores condições de vida.

Neste capítulo, será examinado todo o processo imigratório, o qual é descrito em autobiografia escrita em 2014, em que a mesma inicia esboçando algumas características referentes ao modo como viviam na Polônia para posteriormente seguir discorrendo acerca de como fora a viagem rumo ao novo mundo e, finalmente, para esboçar aspectos referentes a chegada no Brasil, e os laços de sociabilidade que se estabelecem posteriormente ao assentamento.

Neste sentido, pode-se perguntar: como se deu este processo de transferência da família de Lídia para um novo país, um novo local que possui mais diferenças que semelhanças do local em que estavam estabelecidos? Como foi percebido o Brasil e, mais especificamente, a região em que vieram povoar/habitar? Possuíam pessoas/comunidades próximas para poderem conversar ou solicitar informações ou auxílios? Essas e outras questões são vibrantes, e necessitam ser respondidas, para que se possa perceber aspectos gerais do povoamento de Áurea. São estas e outras indagações que serão usadas como norte para a escrita do capítulo que segue.

Em sua autobiografia, escrita em português,** Lídia escreve com paixão, isso é percebido através dos termos que usa, sempre respeitando seus familiares, tanto é que seu relato é escrito, como a mesma diz no início do texto, para que seus familiares saibam a história de Lídia e família e a preservem.

As diferenças perceptíveis, no relato de Lídia, entre Brasil e da Polônia, vão de mudanças climáticas a mudanças nos relacionamentos. Ela não faz um relato explícito

* O sobrenome Bresolin refere-se ao sobrenome que Lídia possui atualmente, ou seja, que passou a possuir depois de casar com Fernando Bresolin. Seu sobrenome de família era Rewtiuch. Preferiu-se usar o sobrenome Bresolin por ser mais fácil a pronúncia e também para que futuros leitores venham mais facilmente saber de quem se trata.

** Escreve com muitos erros ortográficos seu documento autobiográfico em virtude de misturar o polonês o ucraniano e o português, o que dificulta muito a leitura, mas não tira a riqueza do documento memorialístico.

das transformações ocorridas, mas, através dos pontos apontados na sua escrita, é possível perceber estas diferenças.

A rica história da vida de Lídia inicia-se na Polônia, mais precisamente na cidade de Kobryn, cidade hoje pertencente à Bielorrússia. Sua origem, afirma ela que é ucraniana – devido ao fato de ter pais ucranianos. Seu relato, no entanto, é um pouco confuso. Ao realizar a entrevista, a mesma confirma que nasce na Polônia, mas possui descendência ucraniana pelo fato de seus pais serem ucranianos. Está transcrito a seguir a parte em que a mesma escreve acerca de sua nacionalidade e de sua descendência.

Vou contar a história da minha vida meu nome e Lidia sou estrangeira nasci na Polônia e vim para o Brasil o ano de 1937 com des anos de idade e o meu Paêi Filimon e minha Mãe Teodora e meu Irmão Nicolau com sete anos de idade sou de origem ucraniana mas nasi na Polônia o lugar onde eu nasi se chamava Stolpy e no Muicipio de Kobren sou de origem ucraniana mas morava na Polônia [...](RELATO AUTOBIOGRÁFICO)

O documento que comprova a região de onde Lídia e a família emigraram é o passaporte. Nas fotos em anexo, consta a inscrição da região de que vieram, bem como a data de saída. A seguir, foto da primeira página do passaporte, em que consta a foto da família da imigrante, bem como de Lídia, que é a segunda pessoa na foto, ainda jovem, da esquerda para a direita.



Imagem 8: Passaporte polonês da família de Lídia
 Fonte: Acervo de Lídia Bresolin.

Lídia, que nasceu em 1927, teve que enfrentar vários acontecimentos históricos que se desenrolavam ao longo de sua vida, e descreve isso em seu relato. Diz que viveu até seus nove anos na Polônia e que, após emigrar para o Brasil com sua família - inicialmente para Santa Rosa e depois para o atual município de Áurea -, vive hoje com oitenta e nove anos. Apesar de sua idade já avançada, transmite com emoção e orgulho os acontecimentos vividos, da sua história de vida.

Da Polônia, Lídia narra que frequentava a escola e sempre tirava notas boas; porém, explica que só pôde frequentá-la por dois anos, mas que, apesar do pequeno período de permanência na escola, diz ter sido suficiente para aprender a ler e falar em polonês e ucraniano. Escreve também que era uma menina inteligente, e que, além de ir bem nas matérias escritas, também se saía bem nos esportes. Esreve ela que sempre tirava o primeiro lugar nas corridas da escola e que passava vários e bons momentos naquele ambiente que incentivava os esportes e os trabalhos manuais.* Na escola, percebe-se a influência religiosa desde a infância, pois Lídia diz que recebiam semanalmente o padre, e que isto deixava Lídia e seus coleguinhas alegres onde um dizia ao outro: “- Amanhã é o dia do padre!”**

Segue abaixo outra imagem; esta, segundo a legenda em alfabeto cirílico e latino, representa a cidade em que Lídia nasce, Kobryn, pertencente à Polônia quando da saída de Lídia do local e, atualmente, pertencente à Bielorrússia.



Imagem 09: Antiga cidade de Kobryn Fonte: Internet
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/4e/Kobryn_Trade_Square_on_Postcard_1900s.jpg/800px-Kobryn_Trade_Square_on_Postcard_1900s.jpg

* Como documento que recorda está fase escolar na Polônia e suas boas notas, foto em anexo de seu boletim escolar, escrito em língua polonesa.

** Todas as informações expostas acima acerca de Lídia foram tiradas de seu texto autobiográfico.

Segundo Lília, na Polônia, o clima era congelante! Expõe, em seu relato, que eram várias as brincadeiras que se desenrolavam em virtude do clima, como bonecos de neve e patinação no gelo. Também escreve que era típico o modo de pescar com uma batida bem forte no gelo, que faziam os peixes ficarem tontos e/ou surdos, para, então, cortar o gelo e pegar o peixe com a mão. Em uma dessas pescarias, Lília diz que quase perdeu seu irmão em um buraco, pois “[...] Nicolau quase se perdeu embaixo da água [...]”[RELATO AUTOBIOGRÁFICO] A sorte, segundo ela, foi que um amigo estava junto, e conseguiu salvá-lo, para alegria de sua mãe.

Além de Nicolau, Lília possuía mais um irmão, que se chamava Jaçia, que faleceu em virtude de um forte resfriado. Em seu escrito, é possível perceber que Lília era de uma família muito humilde. Sua mãe chamava-se Teodora e o pai Filimon. Viviam felizes, mas passavam muitas dificuldades. Sua casa era coberta de palha de trigo e centeio. No dia-a-dia, como meio de subsistência, plantavam centeio, trigo, batatinhas. Quanto a essas últimas, Lília lembra bem da forma de plantio, pois explica que seu pai passava primeiramente o arado, para, depois, sua mãe jogar as batatinhas, e, posteriormente, para seu pai as cobrir. Na hora da colheita, o arado também era usado; passava-se o arado e, posteriormente, as mulheres recolhiam as batatinhas que ficavam expostas. Após a colheita, escreve Lília, o segredo para a conservação estava em onde guardá-las, e que este era um enorme buraco cavado no chão; despejavam-nas ali, tendo, segundo Lília, conservação sadia até a próxima colheita. Outro produto que plantavam é a linhaça, de cuja semente podiam fazer azeite, e de cuja palha se faziam tecidos, produtos que eram usados no dia a dia.

Escreve Lília que a vaca que possuíam dava o leite necessário. Os animais menores ficavam fechados, pois não havia lugar para serem soltos, em virtude de a propriedade que possuíam ser muito pequena. As vacas pastavam em uma propriedade coletivizada por todos os moradores da vila. Escreve que tão pequenas eram as propriedades individuais que, quando nascia mais um bezerro, levava-se para a cidade para vender, em virtude da falta de espaço para criá-lo e da falta de pasto para alimentá-lo. Possuíam uma horta, e todos os produtos plantados eram adubados com o esterco dos animais. A extensão de terra que *ocupavam* – pois se contradiz ao longo da entrevista e relato, ela diz que não eram donos das terras - era diferente da que passaram a possuir no Brasil; lá, a extensão de terra era em tiras, onde, em relato oral, Dona Lília relembra o fato de que quando iam cultivar a terra, se viam com todos os seus vizinhos, pois a terra de um era vizinha da de outro.

Isabel Gritti vem a nos esclarecer a questão da propriedade citada por Lídia como tiras, pois diz que

Outro problema era o tamanho dos terrenos. Eram pequenas faixas estreitas e compridas conhecidas por ‘cordões’. O proprietário tinha suas terras dispersas em várias parcelas. Isso dificultava o acesso às mesmas pois frequentemente era necessário passar pela propriedade de outrem. (GRITTI, 2004: 28)

Da família de Lídia, lembra que quem permanece lá na Polônia é Melania, irmã de Teodora, de quem gostavam muito, sendo inclusive madrinha de batismo de Lídia. Comunicavam-se mandando até fotos. Uma destas fotos, que Lídia conserva grudada, é a da filha de Melania, que nasce também na Polônia.



Imagem 10: Prima de Lídia nascida na Polônia. Fonte: Acervo particular Lídia Bresolin.

Segundo relato oral, “a comunicação se dava somente através de cartas” e, o mais difícil, apenas em russo, o que complicava as coisas para Lídia que não sabia ler nessa

língua. Escreve que seu pai, por ter até servido no exército russo, entendia e se comunicava com Melania. Porém, após sua morte – mais ou menos em 1968 -, a tentativa de comunicar-se com Melania não deu mais certo, pois ela não respondeu à carta que Lídia encaminhara escrita em língua materna, polonês. Desse modo, a comunicação entre os parentes da Polônia e a família de Lídia encerrou-se ali, pois nunca mais diz ter recebido ou enviado carta alguma.

Após exposto em capítulo primeiro os motivos e os estímulos para emigrar ao Brasil, e agora, expondo o relato de Lídia, faz-se a seguinte indagação: Como se dá a vinda de Lídia e família, ou melhor, como decidem vir ao Brasil? Sabe-se que muitos imigrantes acabavam sendo estimulados a emigrar através das companhias de imigração que faziam promessas acerca do Brasil. Porém, com a família de Lídia, devido ao fato de a imigração estar em fase de decadência, o estímulo acaba se dando por meio de um tio de sua mãe – Mikita -, que se estabeleceu no Brasil antes deles. A travessia, portanto, foi particular, e não custeada por companhias de imigração. Para estimular os parentes a vir ao Brasil, Mikita faz elogios ao Brasil, tanto é que, nas comunicações através de cartas que tinham, diz que no Brasil, morar é muito bom, possui terras à vontade e que o vinho, em muitos casos, devido à fartura, é tomado no lugar de água.

Lídia explica,* - com relação ao modo como era feita a escolha do local no Brasil em que iriam se estabelecer - que antes mesmo da vinda ao Brasil, a família deveria escolher este local de modo que se dava, como diz Lídia, totalmente às escuras, pois deveriam escolher o local através de um livro onde somente a existência ou não de água era sabida!** Inicialmente, Santa Rosa/RS foi o local escolhido. Segundo a emigrante Lídia, a despedida da Polônia foi triste, principalmente para Teodora, muito sentimental, que possuía parentes lá, inclusive os pais enterrados no cemitério da comunidade.

Segundo Lídia,* necessitaram vender o seu pedaço de terra para posteriormente se deslocar até a estação de trem da cidade de Kobryn, que os levaria até o porto de Gdynia - porto que partiria o navio rumo ao Brasil. Segundo ela, depois disso, não precisavam mais se preocupar com nada, pois os guias estavam em todos os lugares e eles é que encaminhavam e solicitavam às famílias a seguirem instruções, de modo que cada família

* As informações deste parágrafo são expostas por Lídia tanto em relato oral quanto em relato escrito.

** Usou-se o ponto de exclamação em virtude de que Lídia, em relato oral, ao abordar este acontecimento ficou com reação de espanto, pois segundo ela “Como pode somente poder saber acerca da existência da água e nada mais? E nem poder ver a propriedade antes de efetivar a compra?”.

* Exposição em relato autobiográfico

possuía um guia e que, ao mudarem de lugares, os guias mudavam, “mas era um para cada família.” (RELATO AUTOBIOGRÁFICO)

O porto em que a família de Lídia embarca para emigrar, como dito acima, é o da cidade de Gdynia, na Polônia. Esta cidade portuária localiza-se na região da Pomerânia, litoral do Mar Báltico, e, até os dias atuais constitui-se como porto importante. Com relação a este porto, Dembicz e Kieniewicz escrevem que [...] foi construído, desde as bases, um moderno porto em Gdynia, que em 1938, registrou os maiores movimentos no Báltico. ”(DEMBICZ; KIENIEWICZ, 2001: 57) Já o navio em que embarcam, possuiu o nome, segundo Lídia de “Costuxenhoço”; possuía três andares e três mil pessoas viajavam junto com Lídia e sua família.** A viagem durou vinte e dois dias completos. Abaixo, uma imagem atual do Porto de Gdynia, porto que Lídia embarcou com sua família em busca de melhores condições de vida.



Imagem 11: Atual Porto de Gdynia – Polônia. Fonte:

https://en.wikipedia.org/wiki/Port_of_Gdynia

** Ao se deter a pesquisar a cerca do chamado Navio “Costuxenhoço” que Lídia diz ter viajado apenas foi constatado que ele, possivelmente, se chamava Kosciuszko. Em anexo expõe-se uma imagem deste navio “Kosciuszko” que supõe-se que Lídia e família utilizou para realizar a travessia.

Na continuação, Lídia escreve que, antes da entrada no navio, todos tiveram de passar por um processo de higiene: tomaram banho, receberam cortes de cabelo, etc., de modo que “ninguém poderia ter nem uma lenda” (DOCUMENTO AUTOBIOGRÁFICO). Depois disso, os guias encaminharam os imigrantes para o interior do navio, que descreve como sendo enorme, e que, posteriormente, já se depararam com outro guia que os encaminhou para os cômodos. Percebe-se que o lugar que Lídia morava não concentrava grande quantidade de moradores, pois ela mesma escreve que, no momento em que estavam aguardando para embarcarem, havia uma quantidade enorme de pessoas que ela, até a data do embarque, nunca havia visto.

Pelo escrito de Lídia, percebe-se que as coisas se desenrolavam de maneira inusitada, e tudo era novo. O som do navio ao sair do porto, as pessoas com seus lençinhos a abanar para familiares que estavam a partir, os guias, o navio, os modos rigorosos de higiene no navio, o balançar do navio e o susto quando o balanço ficou mais forte e o aviso de colocar o colete salva-vidas foi dado. Tudo isso está no relato autobiográfico de Lídia. Com relação à alimentação, Lídia relata que esta era farta e de boa qualidade, onde, por exemplo, “[...] havia peixe assado todos os dias era comida diferente [...]”. (RELATO AUTOBIOGRÁFICO).

Havia - dentro do navio em que Lídia e família viajavam - um padre polonês, para que os imigrantes não perdessem as esperanças devido a tantas novidades, ou por pura coincidência. Pelo relato autobiográfico de Lídia, o Padre Chulc, que rezava a missa todos os dias, parecia não estar muito esperançoso com a viagem dos poloneses, pois, segundo seu relato, ele comentava que haverá muitas dificuldades e tropeços, pois a viagem de um país a outro se daria de forma velada, pelo fato de os poloneses nada saberem a respeito do Brasil, de seus habitantes e de seus costumes no geral.

A viagem durou vinte e dois dias. Houve uma parada no decorrer da viagem, para abastecer carvão. Foi em solo africano, e algo inusitado ocorre, que é a quantidade de africanos que rodeiam o navio, pedindo moedas. Essas são jogadas pelos imigrantes de dentro do navio, e os africanos navegam até encontrá-las; após isso, emergem, com a moeda entre os dentes, mostrando a conquista.

Em continuação com seu relato autobiográfico, em relação aos costumes e as diferenças da Polônia e do Brasil, na visão de Lídia, ela relata e afirma em entrevista que as coisas mudavam bastante com relação a esse aspecto, comparando um país ao outro. A religiosidade é algo muito marcante na família de Lídia e, de forma geral, nos poloneses, e ela percebe grande diferença com relação ao Brasil onde “[...]o povo não era

tão devoto assim[...]”. (RELATO AUTOBIOGRÁFICO) Outra diferença citada é com relação aos casamentos, pois lá, na Polônia, uma festa durava dias, e se dava com muita alegria “[...] onde os noivos chegavam de carocinha para casar com o cavalo todo enfeitado com as flores e quando os Noivos vem da Igreja a Noiva joga balas pro alto para cima todo mundo se joga no chão para juntar as balas aquela alegria e a festa durava dois dias comiam e bebiam[...].” (RELATO AUTOBIOGRÁFICO).

Com relação à religião, relata ainda como seguiam as tradições e cultos religiosos, onde, para a quaresma o ato de não comer carne era seguido durante quarenta dias ininterruptos, apesar das dificuldades de compra de peixe e sardinha em salmoura que se dava a uns quilômetros de distância da casa de Lídia, compra feita de um turco. Diz que outra tradição era no domingo de ramos onde cada pessoa levava um ramo de vime enfeitado com flores e no momento da procissão, quando o padre dava a benção, “[...] todos levantavam os ramos pra cima, era aquele colorido, parecia um Paraíso na terra, as pessoas eram mais devotas que aqui no Brasil [...]” (RELATO AUTOBIOGRÁFICO) Costumes diferentes, cultos religiosos manifestados de formas diferentes – em um país de forma mais ardorosa, em outro, menos; visão de Lídia. A questão referente à religiosidade, como já foi citado, é algo marcante na própria cultura visto até como meio que se utilizaram os poloneses para se rebelar contra os dominadores, assim como nós cita Gritti:

Para Robert Darton, o catolicismo polonês funciona como uma censura ao regime. No século XIX, a Igreja representava quase tudo o que havia restado da cultura nacional. Assim, o catolicismo expressava uma mentalidade determinada pela partilha, uma transferência de lealdade do Estado para a Igreja. (GRITTI, 2004: 37)

Deste modo percebe-se, portanto, através do relato de Lídia que, após a Polônia ter conquistado sua liberdade o sentimento religioso permanecia, pois como Darton afirmou este estava enraizado na própria cultura. (APUD GRITTI) Assim prosseguindo, Lídia relata várias histórias em que se percebia este ardor religioso. Em relato escrito expõe que mendigos, ao se aproximarem para pedir esmolas, faziam antes o pedido de existência ou não de familiar falecido e assim que a pessoa entregava o nome ou o pronunciava, o mendigo rezava uma oração pela alma da pessoa falecida. Após isto, entregava-se uma oferta ao mendigo que saía agradecendo muito. Lídia diz que sua mãe, muito devota, sempre falava o nome de sua falecida mãe, da qual sentia muita saudade.

Era deste modo que Lídia percebia as mudanças entre um país e outro, apesar de vir tão nova ao Brasil.

É correto e devemos ter consciência que o desenvolvimento nos locais, a cultura e a movimentação de pessoas eram completamente diferentes. É por este e outros motivos que o ato e as tradições religiosas e outros costumes tão bonitos na Polônia, na visão de Lídia, eram tão menos intensos aqui no Brasil. Havia lá já a identidade construída por aquele grupo grande de indivíduos que realizavam aquelas encenações e festividades como forma de se ver inserido na sociedade ou no grupo a que pertenciam. Com relação ao forte catolicismo presente na Polônia Matheus Filipe Da Silva Leal em *Geopolítica Contemporânea da Polônia*, nos diz que

Cercada por países protestantes ou ortodoxos, a Polônia é um dos bastiões do catolicismo na Europa até os dias de hoje, e a fé católica era um dos instrumentos que mantinham a sociedade polonesa unida. Mais do que 90% dos poloneses são católicos nos dias atuais. (LEAL, 2013: 30 APUD - CZUBIŃSKI,2003)

Após a longa viagem, Lídia escreve que chega finalmente o dia de desembarcar e este desembarque se dá no Porto do Rio Grande. Quando da chegada, expõe que várias surpresas e novidades percebiam; uma delas era o chimarrão. Lídia e família se admiram ao ver as pessoas tomando o chimarrão; passando o de mão em mão. Do Porto até Santa Rosa – primeiro lugar em que pensavam em se fixar – Lídia não lembra exatamente qual o tipo de transporte utilizaram, porém como visto através de Wenczenovicz provavelmente usavam o trem para se dirigirem nas proximidades dos locais e depois seguiam a pé ou a cavalo.*

Segundo Lídia, antes mesmo de chegarem à Santa Rosa escreve que foram “descarregados” em um barracão juntamente a muitos outros imigrantes de várias nacionalidades. Finalmente ao destino, continua expondo que chegam em Santa-Rosa (RS) no dia Dez de Novembro de 1937. Estando lá, Lídia aborda, em relato escrito e em entrevista, a decepção – como aconteceu com muitos imigrantes. A colônia, que já haviam dado uma primeira entrada antes mesmo de saírem da Polônia, não tinha sequer “[...] um palmo de terra(sic) limpa [...]”.(RELATO AUTOBIOGRÁFICO) Lídia conta que o susto

* Wenczenovicz diz que em Porto Alegre o grupo de imigrantes – estes que vinham através das Companhias Colonizadoras - recebiam a numeração do lote e a localização exata de onde passariam a residir. Com a localização em mão seguiram viagem “(...) de trem até Erechim, Gaurama ou Getúlio Vargas e prosseguiram por mais ou menos trinta quilômetros, alguns a pé, outros a cavalo, mata adentro.” (WENCZENOVICZ, 2002: 61)

foi grande, pois nem ao menos conheciam foices ou facões, pois segundo ela, lá na Polônia não existiam morros e matos como aqui no Brasil assim como expos Stawinski (1976) que diz que os poloneses só estavam acostumados a trabalhar em terras limpas e mais planas.

Ao concluírem que o serviço para se estabelecerem ali era enorme e extenuante para um homem só – diz que precisava ao menos roçar o mato, achar a água para cavarem um poço, construir uma barraca para tentarem se protegerem dos perigos externos e da chuva, etc. e tudo isso por conta de Filimon, pai de Lídia -, resolvem tentar procurar o tio de Teodora, mãe de Lídia, Mikita o parente responsável e que deu as coordenadas de como era viver no Brasil.

Na tentativa de encontrar o parente, expõe em autobiografia e em entrevista, que com muito esforço e também por sorte, após comprarem passagens de trem e abandonarem a terra em Santa Rosa, a família de Lídia conseguiu encontrar o local exato em que o tio de Teodora morava por intermédio de uma família, que também era de imigrantes, e que conhecia o filho do tio Mikita. Estes que os auxiliaram também eram emigrados da Polônia; eram Marcelino, Contieta e possuíam um filho de seis anos de idade e residiam no Rio Toldo. Após chegaram de trem ao Distrito de Capoeerê, prosseguiram viagem a pé até o Rio Toldo – distância de oito quilômetros - onde, Marcelino, deixa a mulher e o filho em casa e acompanha Lídia e família ao local exato em que morava o filho de Mikita, que o acompanhará no dia seguinte à região próxima em que morra Mikita; no dia seguinte, pois quando chegaram ao Rio Toldo era noite.

Lídia relata com detalhes em seu documento que a vida no Brasil se inicia do zero. De início, até conseguirem arrumar um pouco de dinheiro para a compra de um pedaço de terra na região, viveram com os tios de Teodora, onde, no total de tempo somam-se três meses de permanência na casa dos parentes. Após este tempo residindo na casa de Mikita e de sua mulher Ana, Filimon compra seu próprio sítio e passam a possuir a própria casa, a própria e tão sonhada terra.

Nesta fase, expõe, recomeçam a vida, ganham quatro casais de galinha de seus parentes, constroem sua casa, passam a plantar alguns produtos, e, assim, iniciam a nova vida, no novo país. Após um tempo, já conseguem efetivar algumas vendas de produtos. Lídia expõem que ia com seu pai realizar a venda de galinhas e alguns outros produtos excedentes até Paiol Grande (atual município de Erechim), mais precisamente até o Hospital Santa Terezinha onde lá faziam uma boa venda.

Quanto ao fator apontado em parágrafo anterior, – ao de ir a Erechim e não para Princesa Isabel (atual Áurea) realizar a venda de produtos – não nos é possível afirmar acerca do motivo, pois Áurea, além de ser bem mais próxima do local em que vivia a família de Lídia, estava em seu processo de desenvolvimento e já possuía alguns centros de vendas de produtos. Lídia nos diz o quão sofrido era a comercialização destes produtos pois o meio de transporte que usavam para transportar era a carroça. Não soube responder o porquê vendiam em Erechim seus produtos e não em Áurea, mas, possivelmente, era devido a venda no centro maior, ou seja, Erechim, ser mais fácil, devido à demanda.

Wenczenovicz nos esclarece que além da carroça, existiam outras duas maneiras de transporte de produtos, que eram as mulas e as carretas. As carroças eram as mais usadas, sobretudo, posteriormente à

“(…) melhoria das estradas e o desenvolvimento da produção (...). A carroça era puxada por pares de cavalos ou mulas, adaptando-se às dificuldades de tráfego dos caminhos. Em dias chuvosos, cancelava-se a viagem. As carretas, com maior capacidade de transporte, eram sobretudo de propriedade dos comerciantes.(WENCZENOVICZ, 2002: 80)



Imagem 12: Carroça. Foto de 1940. Fonte: Museu Municipal de Áurea.

Com relação à forte aversão ao perigo vermelho, - citada por Wenczenovicz, que disse que muitos padres, com muita habitualidade alertavam contra o “perigo vermelho” - Lídia também tem história para contar. Expos que quando estavam estabelecidos na região de Áurea, e quando possuíam vizinhos amigos, Lídia, após já ter na pela fase de Batismo e Crisma lá na Polônia, foi convidada pelas suas vizinhas a ir junto com as mesmas na Igreja frequentar a catequese, porém ao ir com elas, foi interrogada e posteriormente convidada a se retirar em virtude de entenderem que ela era russa e não católica.

Lídia diz que foi no entender do Presidente da Paróquia - que visitava a Igreja – que ela teve que se retirar da Igreja e não pôde frequentar junto com suas amigas, a catequese. * Ao questionar Lídia se o sacerdote utilizara-se do termo comunista, ela nega, porém, possivelmente se tratava disto pois naquela época associava-se muito o termo russo como sendo o comunista, pelo fato de a Revolução Comunista ter se estourado na Rússia.

Lídia expõe que muito tempo depois, mais especificamente uns treze anos - que é quando se casa com seu noivo - antes de contrair o matrimônio católico, foi interrogada a respeito de sua nacionalidade e religiosidade. Ela explica que na Polônia as crianças eram batizadas e passavam o crisma em um mesmo dia, numa mesma data. Não tendo levado consigo comprovante deste processo católico, o Padre, cumprindo ordens superiores, diz a Lídia que ela não terá como casar-se sem antes batizar-se novamente. Lídia se lembra com certo humor da data, pois quando o padre questiona o dia em que ira batizar-se, o seu futuro marido lhe pede quando pode ser e é quando o padre diz, qualquer hora; nisto o marido de Lídia retruca: “- Então é agora!” Assim, Lídia diz que é batizada na Igreja e posteriormente consegue contrair o matrimônio católico.

* Percebe-se, portanto que o padre em certas ocasiões era pressionado por ordens superiores a realizar determinados atos pois como visto através do relato foi o Presidente da Paróquia que impediu Lídia de participar do ato catequético que sua vizinhas participavam.

CAPÍTULO 3: COTIDIANO DE PERMANÊNCIA E OS LAÇOS DE SOCIABILIDADE NA CIDADE (EUROPA E BRASIL)

Tendo em vista Lévi-Strauss (1986), que, a respeito do contexto familiar e dos laços de sociabilidade que se cria em uma época, concluir “[...]que é, de acordo com o contexto social, em cada sociedade e em cada época histórica, que a vida doméstica passa a assumir determinadas formas específicas[...]” (STRAUSS apud OLIVEIRA, 2009: 23) partira-se para uma continuação da análise dos laços de sociabilidade desenrolados no decorrer deste processo de instalação da família europeia em solo brasileiro. Deseja-se, porém salientar que este capítulo apenas trará alguns aspectos referentes às questões sociais, pois, eles específicos, podem, em um futuro próximo, ser analisados, pois demandam discussões extensas. Este foi elaborado, portanto, de forma a complementar os capítulos anteriores, que abordaram, mesmo que de forma sintetizada, a respeito do contexto estrutural e cultural vivido por Lídia e família tanto na Polônia quanto no Brasil. Para melhor entendimento do texto, este será dividido em três subtítulos: condições iniciais vividas no Brasil, laços que se criam e a escola; religião e trabalho e, o casamento de Lídia e constituição de nova família.

3.1 PRIMEIRO CONTATO: CONDIÇÕES INICIAIS QUANDO DA CHEGADA AO BRASIL, ALGUNS LAÇOS DE SOCIABILIDADE E A ESCOLA.

Segundo relato de Lída, a vida, quando se instalaram na atual cidade de Áurea, mais precisamente Rio Carola, interior deste município, era simples, rudimentar e de início com poucos recursos financeiros. As casas daquela época, em relato escrito, Lída diz que eram separadas, de modo que cada família possuía duas casas onde uma era cozinha e a outra “para dormir” com distância entre elas de cerca de “uns 10 metros”. (RELATO AUTOBIOGRÁFICO).

Com a situação de moradias divididas é possível imaginar o transtorno nos dias de chuva e frio, e Lída aponta este fator, pois escreve que “[...] era um sacrifício quando xovia ou no inverno quando era muito frio.” (RELATO AUTOBIOGRÁFICO). Imagina-se que eram construídas duas casas pelo fato de que, por viverem de modo simples pela falta de recursos, o fogo para se aquecerem e cozinhar a comida era feito em um buraco cavado na terra, com cerca de um metro de profundidade, assim escreveu em seu documento autobiográfico. Este método descrito, segundo Dona Lída, era chamado de “*cotlina*” e diz que as panelas precisavam ser resistentes, pois “tinha que ter todas as panelas de ferro para fazer comida e maioria do tempo passava na cozinha na outra casa ia so para dormir”. (RELATO AUTOBIOGRÁFICO).

Lída expõe que à época em que se estabeleceram não existia energia elétrica e que se viravam como podiam. Faziam uma lanterna rudimentar conhecida como “*Tiareto*” onde para fazê-lo, Lída escreve os ingredientes e o modo de fazer onde necessitavam de banha, um pedaço de pano e fósforo, de modo que se colocava um pouco de banha em um pires com o pedaço de pano em cima, meio enrolado com a banha, para em seguida o ascender com o fósforo o “*Tiareto*”.

Segundo Lída, pela necessidade de instalar-se na casa dos parentes, para posteriormente apenas comprar seu pedaço de terra, ter que realizar todos os afazeres braçais sem nenhuma tecnologia que os auxiliasse e, viverem de início de forma muito simples, tendo, além disso, deixado parentes lá na Polônia, percebiam como sofrido o seu estabelecimento na região. Porém, pelo seu relato transparece, apesar das dificuldades, que a maioria da família de Lída estava esperançosa por mudar-se da Polônia para o Brasil. Quem não tinha esta esperança e nem estava contente por migrarem era Teodora que segundo Lída “não podia se acostumar chorava muito e dizia porce eu vim para o Brazil sentia muita saudade da irma que deixou sozinha lá na Polonia”. (RELATO AUTOBIOGRÁFICO)

Deste modo, ao refletirem acerca do futuro que se desenrolaria na nova terra, isto da parte de todos os imigrantes, este em sua maioria era incerto assim como nos diz Poplawski que “Como todos os imigrantes, os poloneses tiveram que se desprender dos lugares, dos parentes e dos amigos, da sua Pátria amordaçada pelos invasores, em troca de um futuro incerto, mas esperançoso.” (POPLAWSKI, 2017: 15).

Com relação ao modo como eram recebidos ou se relacionavam com as pessoas, sendo seus parentes ou não, Lídia relata em documento autobiográfico que sempre havia pessoas que os recebiam muito bem pois sabiam das dificuldades que os imigrantes enfrentavam e deste modo, desejavam acolher e ajudar da maneira que podiam os novos conhecidos. Quando da passagem por Santa Rosa, por exemplo, Lídia escreve que

[...] onde nos pozemo já ezectia umas quantas casas e tinha uma escola e as mulheres e vinham conhecer como a gente e convidavam para ir na casa delas mostravam que moravam pertinho mas a gente não entendia nada e dai dexemo a terá que já tinha dado a primera entrada[...] (RELATO AUTOBIOGRÁFICO).

Quando na chegada da casa dos parentes na região do Rio Carola - e também antes mesmo quando da chegada ao Rio Toldo em que conheceram o filho do Tio Mikita - foram recebidos com muita alegria. Com relação ao tio Mikita, Lídia relata que ele “[...] ja era velho podia ter uns sesenta anos maizomenos[...]”. (RELATO AUTOBOBIOGRÁFICO). Sua mulher se chamava Ana e possuíam sete filhos - que, inclusive, é em um desses filhos que Lídia passa a trabalhar cuidando de seu primo, menino pequeno de dois anos de idade, isto já quando chegam antes da compra do sítio próximo à casa do tio.

Em seu relato diz que a vida era difícil pois a cidade estava longe, a quilômetros de distância – mais exatamente uns nove quilômetros da atual cidade de Áurea e uns 30 quilômetros da atual cidade de Erechim - que quando percorridos eram feitos à pé a cavalo ou carroça. Para Lídia poder estudar possuía uma escola próxima do local em que viviam, portanto do interior; a distância para percorrê-la era de três quilômetros que eram percorridos a pé. Estudou nesta escola até o 5º Ano.

Assim nos expõe que quando da vinda ao Brasil, ela com seus nove anos de idade, ainda criança, estava na fase de frequentar a escola e nos expõe que frequentava, após estabelecerem-se na região do atual município de Áurea, a escola fazendo o que chamou de “Aula a distansia”, onde necessitava caminhar cerca de três quilômetros todos os dias. Relata, a respeito da escola, que sentia muita dificuldade com relação à língua, pois se

falava tudo em português. Conta ainda que sua sorte foi ter tido um professor polonês e foi este o fator que possibilitou que Lídia aprendesse de maneira mais rápida a nova língua.

Na escola, lembra que havia várias atividades que eram rotina, como por exemplo, a reza do Pai Nosso, posteriormente faziam uma leitura de texto individual e, depois da aula, o Hino Nacional era cantado. Lídia ressalta o aspecto do Hino Nacional e diz que este deveria ser decorado, assim como também a tabuada. A educação era rígida e se cobrava muito dos alunos.

Quanto à educação das crianças e jovens e ao rigor, Poplavski aborda quanto à questão da rigidez moral e educacional imposta aos jovens à qual diz que

A maioria das famílias polonesas estabelecidas no Rio Grande do Sul, ao final do século XIX e início do século XX, tinha um modo de vida simples, austero, cercado de rígidos princípios de conduta moral, dedicando-se basicamente ao trabalho alicerçado pela fé, sendo a grande maioria de crença católica. Os pais dirigiam sua principal atenção aos filhos, fazendo com que eles se adaptassem, o mais rápido possível, à nova fase de suas vidas. (POPLAVSKI, 2017: 47)

Além das atividades citadas acima - atividades estas que cabiam a eles com relação à aprendizagem - existiam as tarefas de organização e limpeza da escola onde, eram os próprios alunos, em forma de mutirão que faziam a limpeza do ambiente. Deste modo, Lídia expõe que auxiliava e fazia as atividades escolares pela manhã e a tarde, ajudava nas tarefas da roça, plantando milho com a máquina manual, arando a terra, carpindo.

Assim as atividades se desenrolavam até completar o 5º Ano e, posteriormente teve que parar de estudar em virtude de que a escola que frequentava ofertar apenas o ensino até este nível. Diz que seu desejo de continuar os estudos era enorme e que várias vezes pensou em largar tudo, ir para outra cidade, arranjar um emprego e estudar. Também diz que apesar do desejo grande de estudar, este não era maior do que o medo de deixar sua pobre mãe, que lastimava o fato de ter vindo para o Brasil; além disso, por seu pai as vezes beber diz que não cogitava a hipóteses de abandoná-los, mudar de cidade.

Concluiu esta fase escolar e não pôde, apesar do grande desejo em continuar a estudar, prosseguir, pois segundo ela, havia vários empecilhos. Devido à distância de Erechim – local que dispunha de escolas a partir o 5º Ano - já que na escola que estudava também somente ofertava até este grau, não tendo condições de se deslocar devido a falta de um ônibus que fosse todo dia para a cidade acabou adiando os estudos. Ainda, segundo ela, como exposto acima, devido à situação que viviam, não teve coragem de abandonar

a casa dos pais para morar em outra cidade. Portanto, pela visão de Lília a vida distante de um centro urbano bem desenvolvido e o pior sem transportes para se locomoverem com rapidez impedia a continuação dos estudos, apontados por Lília como sendo de fundamental importância.*

3.2 **A Religião, o trabalho, os ambientes sociais.**

A religiosidade é algo muito intenso que os poloneses trouxeram e perpetuaram de sua terra. Lília em entrevista confessou que o que a sustenta é a fé acreditando no seu Deus. Disse que teve exemplos para ter a religiosidade como algo tão marcante e que lhe dá forças. Além da sua mãe, que era devota, rezando e acreditando sempre muito em Deus, teve também de exemplo Ana, tia de sua mãe, mulher do tio Mikita. Segundo Lília, em relato, discorre que “[...] Ana ela lia muito a Bíblia ela quase sabia de cor lia e Relia ela contava paramin as historis da Bíblia [...]”. (RELATO AUTOBIOGRÁFICO). Além disso, em seu escrito, em vários momentos Lília aborda sobre milagres que ao longo de sua vida pareciam ter acontecido, fato que demonstra o quão intenso era a fé que possuía e que ainda preserva.

Como afirmado anteriormente, quem sofria muito com a vinda para o Brasil era a mãe de Lília, Teodora. Segundo a imigrante, o sofrimento de sua mãe era de certa forma amenizado com a fé muito intensa que possuía. Percebe-se, através do escrito de Lília, que Teodora utilizava a fé para não perder de vez as esperanças. Pela parte da manhã, segundo Lília “[...] levantava e se lavava e depois ia para o quarto e de joelho podia ser frio mas até que ela não fazia as orações dela ela não vinia tomar o cafe da manha[...]”. (RELATO AUTOBIOGRÁFICO).

Quando passaram a morar na casa que construíram, Lília aborda que possuíam sempre bons vizinhos, mas que com o tempo muitos foram embora e outros, também caracterizados como bons por Lília, chegaram. Um destes vizinhos é uma família

* Com relação à preocupação e a vontade de estudar apontada por Lília pode-se dizer que esta era, de maneira geral, quase que preocupação de todos os imigrantes. Dill diz que “As famílias, tanto alemãs quanto italianas ou polonesas, desejam que seus filhos não cresçam na ignorância (...)” (DILL 2003: 24.).

composta por três irmãs e um irmão que eram órfãos e por isso trabalhavam em casa de família ou como podiam até conseguirem comprar um pedaço de terra perto do sítio comprado pela família de Lídia. Lídia se tornou muito amiga das vizinhas e é com estas que frequentava a catequese, na Igreja e, que teve que parar devido ao fato de ser considerada russa e não católica.

Naquele tempo, como se pode ver através dos relatos, as moças começavam a trabalhar cedo onde, na maioria das vezes, trabalhavam em casa de família ou como babás, cuidando de bebês e crianças. Lídia quando chega teve um período pequeno que cuidou de seu priminho, mas depois quando compram o sítio começa aos poucos a realizar costuras, fazendo até curso de corte e costura na cidade de Erechim. Explica que deste modo conseguia sempre andar bem vestida na mocidade, pois naquela época a maioria das roupas que as pessoas usavam era encomendada por costureiras. Andando bem arrumada, na mocidade sempre foi galanteada e pedida em casamento por rapazes dos arredores. Mas ela não pensava ainda em casamento. Sempre dava desculpas de que ainda era muito nova para casar.

Os bailes, segundo Lídia, “aquela época a gente ia acompanhada com a Mãe ou com o Paêi”. Mas naquele tempo, segue discorrendo

os bailes eram munto mais divertido do que agora o muzico tocava e cantava os canticos de sertaneja dançavam valsa tango chote de dois passo de quatro e os cazais iam so para dançar era mais divertido quando o muzico avizava que ia tocar a vanera e largava acuela voz diferente da gaita ai os rapazes se colocavam em fila de gente para o povo dai as moças que iam convidar os rapazes para dançar e não podia dar o carão nem nem que fosse não gostava da guria. (RELATO AUTOBIOGRÁFICO)

Era deste modo que Lídia, de início, acompanhada por sua mãe e, posteriormente, por seu irmão Nicolau, frequentava os bailes se divertindo e conhecendo pessoas na região. Nesta parte do relato Lídia aborda a respeito de que costumavam nestes bailes beber “gazona”, hoje conhecida como Guaraná. Aborda que no Município de Áurea, nesta época, em fins de 1940, existia uma fábrica de “Gazona” em que o dono era um senhor com sobrenome Popik que além de dono da fábrica também era proprietário de um hotel estabelecido também na cidade de Áurea que, segundo Lídia, era de “madeira velha e enorme”.

Com relação ao uso do cavalo, Lídia, em relato, expõe o quanto usavam este animal, assim como também a carroça no qual, em muitos trechos ao longo da entrevista e até no relato, Lídia usava a expressão “abrochar a aranha” termo que caracteriza o ato

de fazer o uso da carroça ou da charrete, engatando os animais no meio de locomoção. Tratando deste aspecto Lídia escreve que “[...] aquela época a gente ia na miça acavalo ou a carossa e o Padre quando vinha benzer a casa também vinia acavalo e os cazamentos quando saia os noivos iam acavalo e os padrinhos e convidados todos acompanhava acavalo aquela proçesão[...]”.(RELATO AUTOBIOGRÁFICO). Posteriormente, aos poucos as coisas foram se modificando e o uso de automóveis mais rápidos passou a ser usado, mas isto, só para os que possuíam boas condições financeiras o que possibilitava a compra deste veículo e sua manutenção.

Continuando seu relato, Lídia expõe a forma como conheceu aquele que seria seu futuro marido. Ela, muito jovem ainda – com cerca de doze anos – possuía um vizinho muito abastado – isto se comparado aos moradores da região. Este vizinho era de uma família possuidora de parreiras de uvas que, além da venda da uva, também fabricava vinho e graspa – bebida muito forte feita da casca da uva.

Assim, segundo Lídia, todos os anos o vizinho, com nome de Fernando, vinha na sua casa, quando época de colheita, para chamá-los para auxiliarem na colheita da uva. Lídia expos que desde aquela época – que dizia não falar muito bem o português* – nem cogitava hipótese de namorar, por que era ainda muito nova, porém já percebia que ele a olhava de maneira especial. Está história ainda, como veremos em subtítulo próximo, resultaria em casamento e em frutos.

3.2 Casamento de Lídia e sua nova Família

Lídia expõe em relato que passou um bom tempo na cidade de Erechim - época em que realizou o curso de costura - e quando retornou seu vizinho, o Fernando, já estava namorando. Assim trás que, após um tempo, havia conhecido um outro rapaz muito elegante que se ofereceu a acompanhá-la após o baile. Lídia - que disse estar acompanhada de sua mãe - não recusou o pedido, porém imaginava que ele a acompanharia somente até um pedaço do caminho. Mas expõe não, ele a acompanhara até em casa! Este fato a desmotivou pois afirmava que um dos motivos que recusava os namoros era por que sentia vergonha por não possuir sequer uma casa adequada – pois

* O que nos mostra que se não fosse na escola, ou em locais em que existia a obrigatoriedade de falar o português, – devido à imposição getulista -, a língua habitual polonesa continuava presente. Este fato nos remete aos dias atuais pois apesar dos mais jovens não terem o habito de falar em polonês, os mais velhos ainda o preservam.

dizia que só tinha uma cozinha e não casa, devido a divisão de cozinha e quartos em compartimentos diferentes - para recepcionar o namorado!

Continuando a expor sua história de vida, em relato Lídia afirma que já tinha 22 anos e ainda não ter casado, sempre dando desculpas para os rapazes de que era muito nova, mas com a idade que estava pensou: “e agora o que eu vou fazer” (RELATO AUTOBIOGRÁFICO). Assim, seu pai falou que iria construir nova casa e, com este acontecimento Lídia diz que sentiu “novo animo na vida”. (RELATO AUTOBIOGRÁFICO).

Quando estavam realizando a mudança, após a nova casa construída, Lídia diz que, o Fernando, seu vizinho, aparecerá para convidá-los a colher uva. Nesta fase Fernando ainda possuía namorada, mas Lídia prometeu a si mesma que ainda se casaria com ele pois percebia que ele também estava como dizia “de olho em mim”.(RELATO AUTOBIOGRÁFICO).

Assim, Lídia expõe em seu documento autobiográfico que a relação entre o Fernando e a namorada era desgastada, mas que ele não conseguia terminar de vez com ela. Diz que eles dois se comunicavam muito através de cartas e um dia por pura coincidência, Lídia diz ter encontrado seu primo na Igreja e através da conversa que tiveram ficou sabendo que ele estava com uma das cartas que a namorada de Fernando havia enviado. Percebendo a oportunidade de falar com ele – e que tanto esperava - Lídia insistiu para que seu primo deixasse a carta com ela para que pudesse entregar no domingo, quando haveria a festa em São Valentin – comunidade vizinha. Quando este encontro se dá, traz que eles passam então a se conhecer melhor e a seguir a namorar.

Depois de casada, diz ter muita sorte em casar-se com Fernando, pois ele era um homem muito bom que não bebia, além disso, com situação econômica muito boa pois escreve que “[...] até hoje nunca ficamos sem vacas de leite [...]”.(DOCUMENTO AUTOBIOGRÁFICO). Nem por isso, afirma Lídia, ter deixado de organizar seu enxoval, bordando peças e comprando alguns utensílios domésticos. Não levou muita coisa quando casou, “[...] mas tudo era de boa qualidade [...]”. (DOCUMENTO AUTOBIOGRÁFICO). Levava também duas novilhas, que diz seu pai querer muito que ela levasse.

Após o casamento – que se dá em 09 de junho de 1951, na segunda Igreja do atual Município, com o padre Tadeuzs Wyzykowski - , Lídia passa a morar com seu sogro,

sua sogra e seu marido Fernando. A casa era enorme com três pisos.* A relação entre os sogros e Lúdia diz que era muito boa e, que os chamava de maneira carinhosa como Mãe e Pai.** Ao fazer uma ligação com os dias atuais, Lúdia afirma que naquela época não bebiam cerveja e que, a principal bebida consumida era o vinho. Quando das festas, casamentos vinham buscar de barris o vinho produzido pela família Bresolin, sobrenome que Lúdia passa a possuir após o casamento.

A família de Fernando era grande. Ele possuía nove irmãos, sendo quatro homens e cinco mulheres além de dois falecidos. Também eram imigrantes, porém italianos e após tentar a vida em São Marcos, seguem reemigrando até chegar à região onde “tudo era mato”. Levaram oito dias de carroça para se deslocarem. Existiam moradores no local antes deles, e, quando estes ficaram sabendo que teriam novos vizinhos prepararam duas bolsas de palha rasgada para colchão que são entregues quando os Bresolin chegam ao novo lote. Sua sogra sempre lhe lembrava este fato e dizia que aquele era o maior presente que havia recebido até então. Percebe-se, assim como Lúdia afirma na sua autobiografia, que quando do estabelecimento dos imigrantes, neste processo inicial, portanto, antes que as novas gerações se criassem que havia muita união e o sentimento de alteridade, colocando-se no lugar do outro, de modo a ajudar-se mutuamente até prosperarem, enfrentando assim juntos as dificuldades.

Após dois anos casados, nasce Waldir, primeiro filho do novo casal Lúdia e Fernando. Este primeiro filho, com dois anos de idade fica muito doente. Lúdia relata que, como meio de salvar o filho, fez a promessa de que se ele melhorasse ela iria a pé levando seu filho à Romaria de Nossa Senhora da Salete, em Marcelino Ramos. Waldir se recupera e Lúdia, apesar de ter demorado período longo para fazer o percurso - doze anos - porque não podia sair de casa cuidando sempre dos mais velhos adoentados – primeiro da sua sogra, depois de seu pai, depois de sua mãe –, faz a peregrinação com seu filho Waldir “já com doze anos” de idade.

A família vai aumentando e no total, além do Waldir, Lúdia teve mais quatro filhos, sendo que desses, dois faleceram. Um deles era o Altair, que após três cirurgias, esteve internado no hospital de Passo Fundo, e, devido ao fato de os médicos não descobrirem o

* Foto em anexo.

** Através deste fato é possível fazer uma análise que nos mostra que por Lúdia chamar seu sogros de mãe e pai possivelmente era devido a segurança que sentia no novo lar, o que talvez não sentisse quando morava com seus pais, pelo fato de relatar – tanto em documento autobiográfico quanto oralmente – o fato de que sua mãe se lastimava muito e seu pai, que além de ingerir bebida alcoólica com frequência, “não se importava muito com as coisas, pois para ele tudo estava bom.”(RELATO ORAL).

que ele tinha, acaba falecendo no dia 20 de abril de 1978, com 20 anos de idade. Outro falecido era recém-nascido se chamava Luíz Antônio. Os três que permanecem são Waldir, Orlando e Greuza – esta última também falecida recentemente.

Lídia sempre teve a preocupação de proporcionar educação aos filhos incentivando sempre os a estudar. Um dos locais em que Lídia gostaria que um dos filhos estudasse era no Seminário de Fátima em Erechim. Nos relata em autobiografia que houve tentativas – tanto com o Waldir, quanto com o Orlando – mas elas falharam. Foi só Greuza que prosseguiu, cursando ensino superior – Pedagogia em Erechim - e mais alguns cursos.

Deste modo, vive Lídia até os dias atuais enfrentando os problemas e dificuldades e também, buscando propagar esta história – através, por exemplo, da escrita de seu documento autobiográfico -, para que ela não apague, para que ela ilumine.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que Lídia e família deslocam-se ao Brasil devido aos vários acontecimentos que se desenrolavam na Polônia e, em vários países vizinhos. As influências que tiveram para que migrassem foram iniciativas de Mikita, porém, com certeza, além do impulso que dava o tio, ouviam relatos, propagandas ou algo do gênero o que fez com que Filimon e família decidissem abandonar a micro propriedade, adquirindo nova em Santa Rosa – abandonando-a também a seguir – e a reemigrar à região em que viviam Mikita e Ana. Estas foram as trajetórias de muitos milhares de imigrantes que devido a estes vários fatores apontados ao longo do texto, buscaram novas vidas em novos países, uns enfrentando mais dificuldades nas regiões estabelecidas, outros tendo apoio de parentes já assentados, outros sofrendo devido à doenças, mortes, enfermidades, desânimo, pobreza. As histórias são unas e todos foram, protagonistas desta, pois cada qual a seu modo, povoou, serviu de mão de obra, se desenvolveu e fez desenvolver sua região, propriedade, suas famílias etc. Assim, aqui no Brasil, assentados viviam enfrentando as dificuldades, englobando-se com a sociedade de modo a auxiliar uns aos outros.

Para finalizar, portanto anseio em dizer que estudar um assunto que me dá prazer é algo muito gratificante. Entender a trajetória de Lídia e sua família tendo eu, hoje, contato frequente, diário, com descendentes de imigrantes poloneses e tendo na cidade aspectos ainda muito presentes da cultura polonesa, me fazem construir uma retrospectiva destes imigrantes, incluindo a minha família, de descendentes poloneses, como uma destas tantas que provieram e povoaram o território hoje conhecido por Áurea, com o título

merecido, de Capital Polonesa dos Brasileiros, merecido em virtude não só da geração que ainda luta e preserva a cultura e os hábitos de seus antecessores, mas, principalmente pelo valor que se deve dar a luta diária enfrentada, esperançosa de uma vida melhor, mais digna que tiveram os imigrantes que se estabeleceram na região, e que foram responsáveis por desenvolver a agricultura, a cidade, a família, etc.

Os aprendizados advindos com este trabalho são muitos. Trabalhar com fontes novas, autobiografia e história oral, foi algo muito desafiante, pois era necessário calcular o que seria posto no desenrolar do texto e o que – podendo ser ainda objeto de estudo – deveria ficar de fora, esperando por novos curiosos historiadores que não se cansam de retratar da maneira mais fiel possível, o que aconteceu no passado assim como também chegar a compreensão de que forma estes acontecimentos explicam o nosso presente.

ANEXOS



Imagem 13 e 14: Capa e primeira página do passaporte de Lídia. Fonte: Acervo particular Lídia Brisolin.



Imagem 15: Imagem do navio que, possivelmente, Lúcia emigrou. Fonte: Internet
<http://stefanbatoryoceanliner.weebly.com/predecessors.html>

1-klasowa Publiczna Szkoła Powszechna
w Lipnicy (powiat Kolbusze)
nr. 04 Rok szkolny 1955-'56

ŚWIADECTWO SZKOLNE

Lidia
urodzona dnia 17/11 w Kolbuszu
(powiat Kolbusze), religii (wyznania) protestanckiej
uczeń, oddziału I (trzeci) otrzymuje
za pierwsze półrocze roku szkolnego 1955-'56 stopnie następujące

ze sprawowania się	<u>bardzo dobry</u>
z nauki religii	<u>dobry</u>
z nauki matematyki	<u>dobry</u>
z nauki polskiego	<u>dobry</u>
z nauki historii	<u>dobry</u>
z nauki geografii	<u>dobry</u>
z nauki fizyki	<u>dobry</u>
z nauki chemii	<u>dobry</u>
z nauki biologii	<u>dobry</u>
z nauki muzyki	<u>dobry</u>
z nauki wycieczek	<u>dobry</u>
z nauki sportu	<u>dobry</u>
z nauki prac plastycznych	<u>dobry</u>
z nauki prac technicznych	<u>dobry</u>
z nauki prac społecznych	<u>dobry</u>
z nauki prac przyrodniczych	<u>dobry</u>
z nauki prac ogólnych	<u>dobry</u>

Liczba ocenianych godzin zajęć 17 z czego nie uczęszczała 17
Liczba ocenianych godzin zajęć 17 z czego nie uczęszczała 17

w Lipnicy dnia 21/11 1955 r.
[Signature]
[Signature]

Publikacja: Nr 75/54 12.02.55

Imagem 16: Documento/Boletim de Lídia, quando ainda estudava em escola polonesa.
Fonte: Acervo particular Lídia Bresolin.



Imagem 17: Celebração das Bodas de ouro de Lídia Bresolin e seu marido – já falecido – Fernando Bresolin. Fonte: Acervo Particular Lídia Bresolin.



Imagem 18: Antiga casa de Lídia quando se casou com Fernando. Fonte: Acervo particular Lídia Brisolin.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. **Manual da história oral**. 3. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

DEMBICZ, Andrzej; Jan KIENIEWICZ. **Polônia e Polono-Brasileiros**. Centro de Estudos Latino Americanos Universidade de Varsóvia. 2001

DILL, Aidê Campello. **Desafio Polonês: aspectos históricos da imigração polonesa**. Porto Alegre: Literalis, 2003.

GLOCHOWSKI; Kazimierz. **Os poloneses no Brasil – Subsídios para o problema da colonização polonesas no Brasil**. Tradução [de] Mariano Kawka – Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

GARCEZ, Neusa Cidade. **Colonização e Imigração em Erechim a Saga das Famílias Polonesas (1900-1950)**. Erechim: EDELBRA, 1997.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

KRUPINSKI; Rosalia. **Paróquia Nossa Senhora do Monte Claro. 1915-1990**. 1990

KOKUSZKA; Pedro Martim. **Áurea e suas comunidades Rurais**. (Coleção: Áurea Sto Lat; v.3) Erechim: Graffoluz, 2008.

LEAL; Matheus Filipe Da Silva. **Geopolítica Contemporânea da Polônia**. 95 p. Universidade Federal de Santa Catarina – Centro Sócio-econômico - Departamento de Economia e Relações Internacionais. 2013, Florianópolis.

MALCZEWSKI; Zdzisław. **Os poloneses e seus descendentes no Brasil: Esboço Histórico e situação atual da Colônia Polonesa no Brasil.** Polonicus: Revista de Reflexão Brasil Polônia. Disponível em: <http://www.polonicus.com.br/site/historia.php>.
Último acesso em: 03 mai de 2017

OLIVEIRA, NHD. Contexto da Família São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

Disponível em: <static.scielo.org/scielobooks/965tk/pdf/oliveira-9788579830365.pdf>.
Último acesso em: 12 mai. 2017.

POPLAVSKI; Carolina. **Milagres.** – Erechim: Rs. Graffoluz Editora & Ind. Gráfica, 2017.

REVEL, Jacques. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado.** Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 45 set./dez. 2010.

RÜCKERT; Fabiano Quadros. **A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol. 5 N° 10, Dezembro de 2013.

STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul 1875-1975.** 2ª ed. Caxias do Sul, EST Ed. da UCS, 1976.

STOLTZ. Roger. Cartas de imigrantes. Porto Alegre: Edições EST, 1997.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Montanhas que furam as nuvens! Imigração Polonesa em Áurea-RS-(1910-1945).** Ed. Da UPF, Passo Fundo, 2002.